

Francisco R. da Silva* ■ António M. de Barros Cardoso **

Intercâmbios comerciais entre o norte de Portugal e a Galiza na viragem do século XVII para o século XVIII

1. INTRODUÇÃO

1.1. Noroeste de Portugal e Galiza: aproximações e rupturas

As aproximações e complementaridades entre regiões são ditadas pela natureza e pela dinâmica natural das sociedades humanas que geralmente fundamentam o seu relacionamento recíproco na proximidade física.

Ao contrário, as rupturas entre povos que habitam espaços naturalmente afins e que partilham o mesmo substracto etno-cultural, são provocadas por causas artificialmente impostas: ou devem-se a rivalidades de grupos ou vicissitudes históricas mais complexas.

Neste caso, o espaço, de um e outro lado do Minho, foi dividido entre dois reinos – o que, desde cedo, obrigou à fixação de fronteiras, à diferenciação de Estados e conseqüentemente à dependência de centros de decisão política situados no exterior de cada uma das regiões em causa. Os dois centros de decisão, isto é, as duas capitais, se raramente incentivaram o intercâmbio entre elas, também não se lhe opuseram, excepto em curtos períodos de antagonismo aberto e de confronto bélico.

É sabido que as fronteiras políticas raramente funcionam como barreiras intransponíveis para os povos de uma e de outra banda.

Recordemos o testemunho paradigmático do numeramento de D. João III:

«Royvães he aldea mistiga de Galysa e Portugall que vivê misturados galegos e portugueses hus mitidos por outros e nam a certa devysam âtre os de Portugal; e os Portugueses que vivem nesta aldea sam ao prezente 17;... e quando estes fazem casa nova perguntã he se a fazem por Portugall se por de

* FLUP. Coordenador da linha de investigação em História Moderna do GEHVID.

** FLUP. Investigador do GEHVID.

Galyza; e se dizem que por Portugall sã no, e se de Galiza, tãbem; e hoje sam todos galegos e amanhã portugueses...»¹.

Para além disso, não obstante as divergências ou indiferenças de Estado a Estado e apesar do zelo dos agentes fiscais e policiais de cada um dos reinos, movidos talvez mais pelos próprios interesses do que por fidelidades ao poder central, foi sempre possível o desenvolvimento de intercâmbios e influências recíprocas e até de colaborações estreitas entre o Noroeste de Portugal e a Galiza.

Tal parece estabelecido para os finais da Idade Média, como se depreende dos estudos do Professor José Marques ². O mesmo aconteceu na época moderna.

Na verdade, nós próprios averiguámos que durante os séculos XVI e XVII, antes e durante o período da união das coroas (1580-1640), se incrementaram enormemente as passagens de pessoas e as trocas de mercadorias entre os portos da Galiza e a cidade do Porto – que era abastecida diariamente de sardinhas e outras espécies de pescado, bem como de aduelas para tanoaria e oferecia, em contrapartida, mobiliário doméstico, vinho, panos e até pão em tempo de fome³.

Não nos parece que o peso económico deste comércio fosse muito importante em termos da balança comercial de Portugal ou mesmo do Porto. Mais que nos valores em movimento, o alcance destas trocas residirá no seu significado: traduzia afinidades e afectos, análogos aos que a cidade do Porto mantinha com outras praças do reino lusitano, por exemplo Viana do Lima ou Aveiro.

Mas todo este dinamismo cessava de todo ou diminuía drasticamente quando os dois reinos entravam em guerra. Assim aconteceu entre 1641-1668, embora possamos invocar notícias esparsas de que algum, pouco, intercâmbio logrou subsistir, apesar dos interesses políticos divergentes dos dois Estados. Admitimos que o mesmo se terá passado durante os anos mais críticos da Guerra de Sucessão de Espanha.

Mas a regra foi o esmorecimento dos intercâmbios comerciais durante os períodos de hostilidade aberta, ao menos dos que se faziam através das barras.

As fontes que utilizámos para este trabalho demonstram-no: na série de livros de Visitas de Saúde não há senão dois registos de embarcações chegadas ao Porto provenientes da Galiza, uma das quais sueca, no período da Guerra da Restauração⁴. E os Livros da Portagem relativos ao período da Guerra de Suces-

¹ Arquivo Histórico Português, 1909, Tomo VII, p. 272. Também citado por MAGALHÃES, Joaquim Romero in *História de Portugal*, dir. José Mattoso, vol. III, p. 26.

² MARQUES, José – *Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média*. Lisboa, 1994.

³ A este propósito ver, OLIVEIRA, Aurélio de e LOMBARDERO, Jaime Garcia – *Alguns dados em torno das relações económicas entre o Porto – sua região e a Galiza na época moderna – séculos XVII, XVIII*. «Revista de História». Porto. Vol. 2 (1979), p.119-147.

⁴ Ver FERREIRA, J. A. Pinto – *Visitas de Saúde às embarcações entradas na barra do Douro nos Séculos XVI e XVII*. Porto, 1977.

são de Espanha, embora contenham registos de saídas de embarcações galegas e espanholas para o ano de 1703 (ano de ambiguidades na definição de alianças por parte de Portugal), não conservam qualquer movimento para os anos de 1704, 1705 e 1706. Entre 1707 e 1712 não há livros. A série recomeça em 1713 e, de novo, estando a guerra no seu ocaso, nos aparecem alguns registos relativos à presença de embarcações galegas nos cais da Ribeira do Porto.

A documentação de que dispomos não se limita às informações sobre o intercâmbio com os portos da Galiza. Alarga-se também às embarcações matriculadas nos portos das Astúrias, da Cantábria e da Biscaia. Por isso, delas faremos menção no presente estudo.

2. O MOVIMENTO COMERCIAL

Já longe da definição fronteiriça medieva, mas ainda na transição do século XVII para o século XVIII, o trato comercial entre a cidade do Porto e os principais portos da vizinha Galiza apresenta as marcas de um relacionamento complementar, próprio de duas regiões separadas por linhas artificiais geradas a partir do factor político, ao qual se sobrepõem quase sempre os factores económico e cultural, permanências que neste caso determinaram formas peculiares de continuidade relacional entre os dois lados da linha divisória, que hoje perduram.

No sentido de uma aproximação a essa realidade comercial de outrora, pensamos sempre e em primeiro lugar nos registos alfandegários respeitantes à cidade do Porto. No entanto, como já apontámos noutros trabalhos, esses registos não existem, pelo menos para boa parte da época moderna⁵. Na busca de informes substitutivos de tais registos, os inscritos nos livros da portagem e redízima do Cartório do Cabido da Sé do Porto cuja custódia pertence ao respectivo Arquivo Distrital, permitem colmatar a falta dos primeiros. Muito embora apresentando alguns hiatos cronológicos, estes não inviabilizaram o presente trabalho, dado termos seguido uma metodologia de amostragem, envolvendo apenas 5 anos, entre 1690 e 1713, ilustrativos do movimento comercial entre a cidade do Porto e a Galiza, na transição do século XVII para o século XVIII.

Nesta documentação, encontram-se registados os nomes das embarcações e respectivos mestres, o local de destino, os produtos e quantidades transportadas, bem como referências aos mercadores que, para as fazerem sair da cidade ficavam obrigados por título confirmado pelo foral concedido ao Porto pelo Rei D.

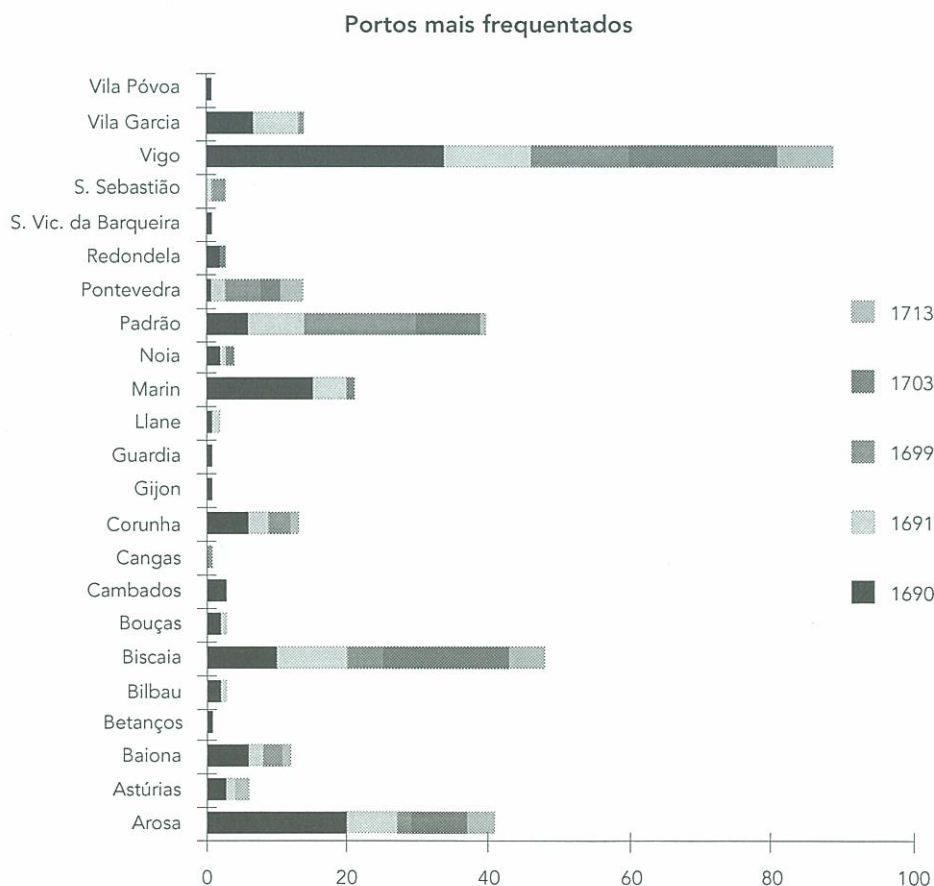
⁵ Sobre este assunto ver, SILVA, Francisco Ribeiro da e CARDOSO, António M. de Barros – *O Comércio de Vinhos do Douro com o Brasil ao longo do Século XVIII*. «Douro – Estudos e Documentos». Porto. n.º 1 (1996), p. 37-38.

Manuel, em 1517, a pagar à Igreja hum por cento ou dez por milheiro sobre o valor das mesmas⁶.

Após um levantamento exaustivo dos registos respeitantes aos anos de 1690, 1691, 1699, 1703 e 1713, último ano para o qual existem livros desta série documental, procurámos sondar de que forma os laços culturais e históricos que unem os povos do norte de Portugal e da Galiza se materializaram à época nas relações comerciais.

2.1. Destinos comerciais mais importantes

Os portos da Galiza e do Norte de Espanha mais frequentados pelos navios mercantes procedentes do Porto, constam da representação seguinte:



⁶ CRUZ, António – *Forais Manuelinos da cidade e Têrmo do Porto*. Porto, s. d., p. 22-23.

O porto de Vigo apresenta-se como destino preferencial do trato comercial entre o Norte de Portugal e a vizinha Galiza. Para lá se dirigia a maioria das embarcações saídas do Porto em todos os anos considerados.

Sob a designação genérica de Biscaia, escondem-se as missões comerciais que, com origem no Porto, demandaram os mais importantes portos da Costa Cantábrica espanhola. Referimo-nos aos portos de Santander, Bilbao e São Sebastião, que por vezes também são isoladamente referidos nos registos, como destino de viagem das embarcações saídas dos cais da Ribeira do Porto. Por isso, acreditamos que estas ligações ocupam posição imediatamente a seguir a Vigo na preferência de trocas da urbe portuense com todo o Norte de Espanha.

Padrão, bem no interior da Ria de Arosa, aparece em cada um dos cinco anos considerados em terceiro lugar, posição que divide com os portos de Arosa e Vila Garcia.

Segue-se-lhe Marin, em plena Ria de Pontevedra, cidade cujos cais foram regularmente visitados pelos mercadores que traficaram os produtos que o Porto oferecia.

Gijon, nas Astúrias, apresenta-se ainda como rumo regular deste comércio. Os portos de Baiona, da Galiza e, mais a Norte, a Corunha, receberam em ritmo idêntico as visitas de mercadores e marinheiros do Porto.

Com menor movimento apresentam-se os cais de Cambados, na entrada da Ria de Arosa, Noia, mais a norte, Cangas, na Ria de Vigo e o porto de Betanços, próximo da Corunha.

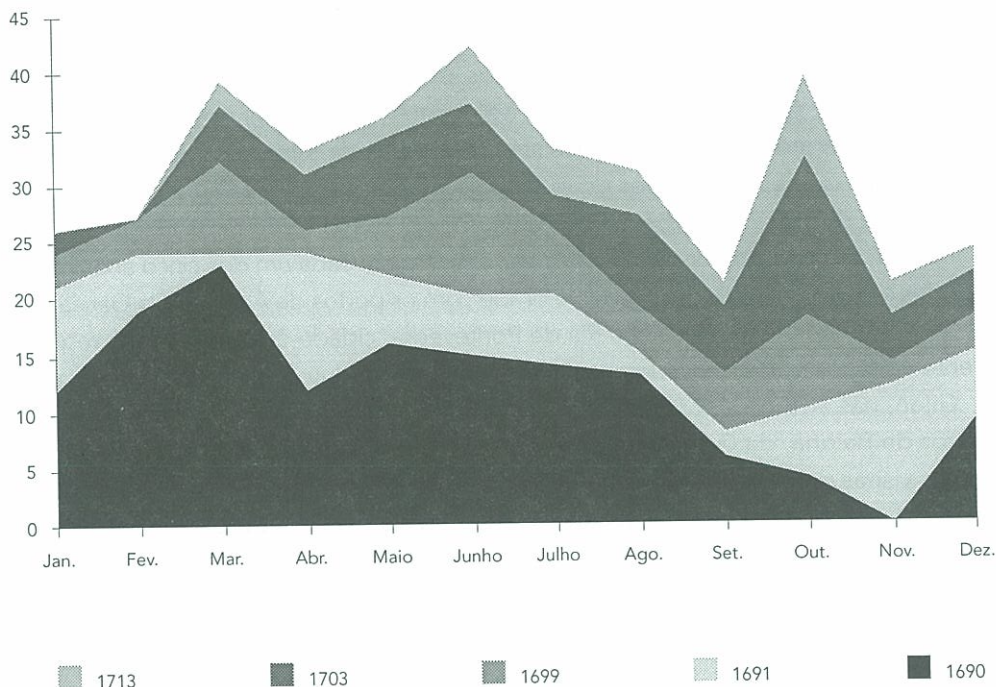
Movimento sazonal

O gráfico seguinte regista a pendularidade mensal com que, nos vários anos abrangidos pelo nosso estudo, saíram do Porto embarcações comerciais rumo aos portos galegos e do Norte de Espanha.

Embora não se possa apontar uma simetria total nas linhas representativas dos vários anos estudados, ela é próxima se exceptuarmos o ano de 1691. Parece indicar por isso que a pendularidade do fluxo comercial do Porto para os já referidos destinos do Norte de Espanha se manteve constante ao longo dos anos, na transição do século XVII para o século XVIII. O maior tráfego de navios regista-se nos meses de Junho, Março e Outubro e o mês de Agosto é o que apresenta menor navegação.

Esta pendularidade parece assim estar directamente ligada, não tanto às condições meteorológicas, certamente mais favoráveis à navegação marítima nos meses de Verão, mas antes à afluência à cidade do Porto dos produtos que eram depois reexportados. Como adiante se verá, o comércio entre o Norte de Portugal e a Galiza ancorou num produto colonial, o açúcar que chegava ao Porto com maior frequência no Outono de cada ano. O outro produto foi o azeite durante que, face à proximidade das novas colheitas, excepção feita aos anos de escassez, era escoado a preços mais convidativos pela mesma altura (Novembro, Dezembro). No entanto, o que se pode inferir com segurança desta representa-

ção, é a regularidade deste comércio de cariz acentuadamente costeiro ao longo de todo o ano, excepção feita ao mês de Agosto.



2.2. As mercadorias

Da vasta lista de trocas entre as duas regiões, a do Noroeste de Portugal de que o Porto é cabeça e a da Galiza, sobressaem alguns produtos que funcionam como «trave mestra» de um empenhamento comercial mais vasto. Um deles é o açúcar que afluía ao Porto com abundância, ainda nos finais de seiscentos, oriundo do Brasil. Outro, é o azeite do Alto-Douro que chegava aos cais ribeirinhos da cidade a bordo dos muitos rabelos que sulcavam as águas do Rio no mesmo período⁷. Com efeito, são estes os dois produtos que se destacam do quadro anexo⁸ onde se inventariam as mercadorias e respectivas quantidades exportadas a partir do Porto com destino aos principais portos da Galiza.

⁷ Nos primeiros dez anos do século XVIII, efectuaram-se, em média, 715 viagens por ano, no sentido descendente do Rio Douro. Cf. CARDOSO, António M. de Barros – *O transporte de vinhos através do Rio Douro na primeira década do século XVIII*. Porto, 1996. Comunicação apresentada ao IIº Congresso Internacional sobre o Rio Douro, V. N. de Gaia, 1996 (no prelo).

⁸ Ver anexo I.

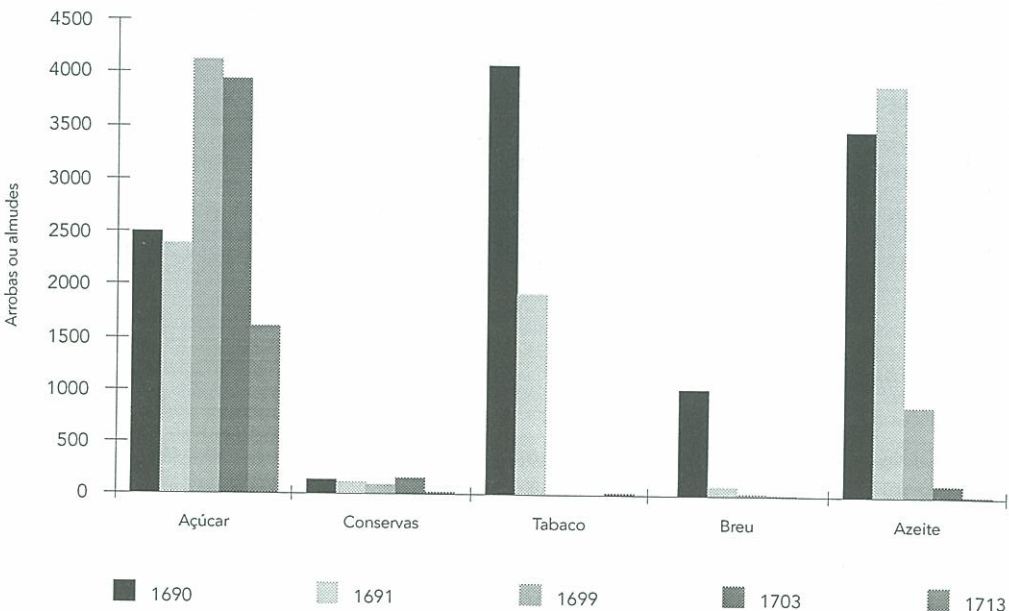
Como em qualquer ligação de comércio regional, estes produtos funcionaram como «âncora», quer dizer, como suporte de uma actividade regular de transporte, neste caso marítimo, responsável por veicular e diríamos mesmo estimular o interesse de mercadores e mercados por outros produtos, embora em quantidades ínfimas, feita a comparação com as mercadorias estruturantes desta actividade regular de trocas.

Como se poderá observar no documento anexo, é vasta a lista de produtos que se encontram neste último caso, o que nos faz pender para classificar o relacionamento comercial entre Noroeste de Portugal e a Galiza como muito dinâmico, mas pequeno comércio.

Outro indicador que reforça esta ideia, encontra-se na aferição dos movimentos financeiros anuais deste trato. Através da soma dos quantitativos do direito da portagem pagos ao Cabido do Porto, convertidos em valores de mercadorias, verificou-se que, em 1690, totalizaram 26.152\$800 réis; em 1691, 13.264\$400 réis; em 1699 19.525\$500 réis; em 1703, 8.283\$400 réis e em 1713, ultrapassados os escolhos que a Gerra da Sucessão trouxe a este comércio, esse valor voltou a subir para os 19.525\$500 réis. Importâncias não despreciandas no plano de uma economia regional.

Os volumes das diversas mercadorias transaccionadas apontam também no mesmo sentido, isto é, para uma actividade regular e dinâmica, mas de expressão quantitativa reduzida. Com efeito, exceptuando os produtos constantes do gráfico seguinte:

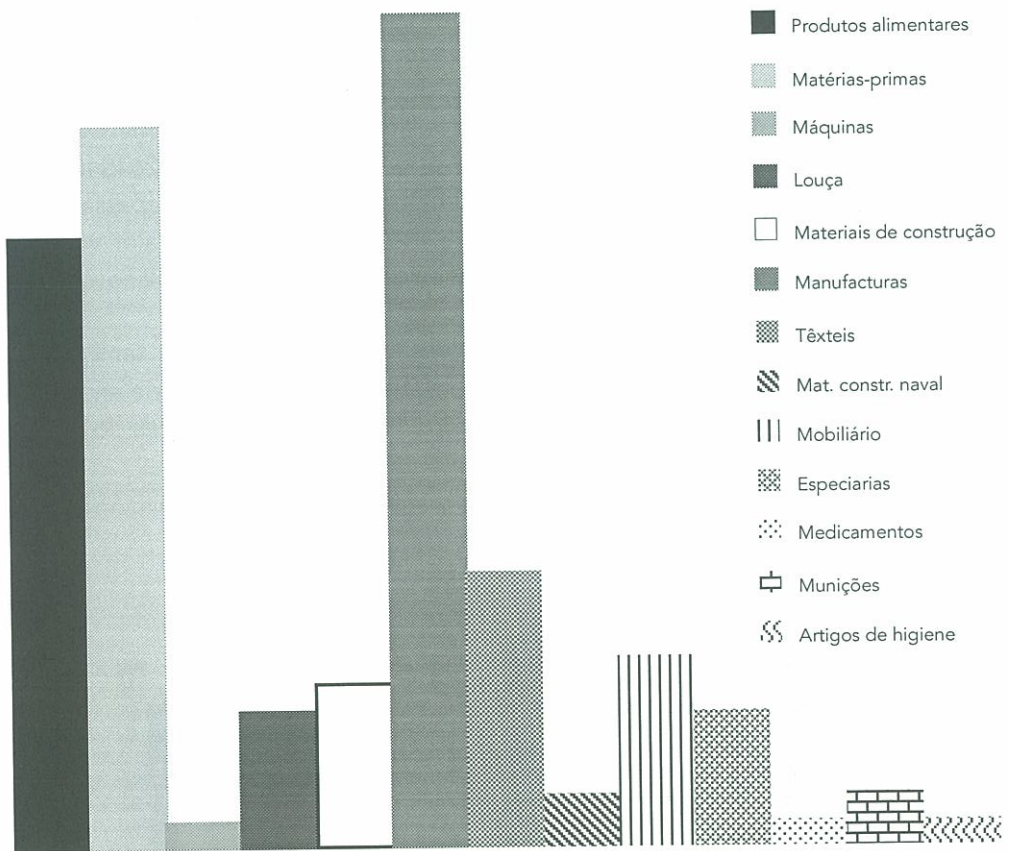
Produtos de maior expressão económica



De todos os outros, a lista já referida aponta quantidades anuais relativamente pequenas.

Por comodidade expositiva e em função da multiplicidade de produtos, optámos por agrupar as diversas mercadorias por afinidades. O gráfico seguinte dá-nos uma ideia de quais foram os ramos de maior importância :

Ramos de comércio Porto-Galiza



2.2.1. Produtos manufacturados

À cabeça deste comércio regional, aparece uma lista abundante de produtos manufacturados e seria fastidioso enumerá-los todos, mas afigura-se-nos indispensável referir aqui aqueles que, pelo seu peso quantitativo, ou pelo seu significado qualitativo, ajudam a ilustrar a peculiaridade das relações comerciais entre as regiões nortenhas dos dois países Peninsulares.

Salientamos antes de mais a importância da louça branca de que uma parte substancial era produzida em Vila Nova de Gaia, na margem esquerda do Douro, frente ao Porto. É conhecido o valor dos produtos cerâmicos do Porto e de Gaia (cidade e vila, neste particular, estão intimamente relacionadas)⁹. Havia donos de olarias na cidade do Porto, com estabelecimentos congêneres em Gaia, propriedade sua, e muita da louça que fabricavam era comercializada sob a marca «Porto», como aconteceu com a antiga fábrica de Santo António do Vale da Piedade, fundada em finais do Século XVIII (1785), mas cujos cabouqueiros foram mestres oleiros há muito estabelecidos na Vila.

O ano em que a maior quantidade desta louça foi importada foi o de 1690 mas, embora em quantidades inferiores, nos demais anos, aparece sempre na lista de mercadorias.

Os dados de que dispomos permitem-nos a suposição de que progressivamente os mestres galegos preferiram a louça branca de Coimbra à de Gaia. Efectivamente, à medida que diminuem as importações da olaria de Vila Nova aumentam as de louça de Coimbra. Em 1690 a Galiza importa 6 dúzias destas peças de louça, número que sobe para 510 dúzias em 1703. A louça de Vila Nova era importada em quantidades significativas por Arosa, Padrão, Vigo e Vila Garcia. Marin, Noia e Cambados, receberam-na em menor escala. Quanto à louça de Coimbra, foi importada por Arosa, Vigo, Padrão e alguma remetida para a Biscaia e Astúrias.

Útil para os galegos parece ter sido ainda a louça vidrada fabricada em Prado, localidade dos arredores de Braga. Para Bouças, seguiram, em 1690, 3 talhas e 15 dúzias de louça desta proveniência¹⁰. Para Arosa, 6 dúzias¹¹ e para Vigo 11 dúzias de peças de louça amarela, da mesma marca¹². Baiona da Galiza recebeu no mesmo ano 9 dúzias de almotolias vidradas também em Prado¹³.

Ao conjunto da louça deve juntar-se uma remessa para Padrão, em 1699, de 6 dúzias de xícaras para chocolate¹⁴. Potes de barro para botica¹⁵, copos de vidro¹⁶, frascos de vários tamanhos e alguns penicos¹⁷ seguiram também em quantidades variáveis para as principais localidades com as quais o Porto mateve relações comerciais regulares.

Os objectos de estanho marcaram presença, mas sem grande significado

⁹ VITORINO, Pedro – *Cerâmica Portuense*. Gaia, 1930, p. 2.

¹⁰ A.D.P., *Cartório do Cabido da Sé do Porto*, liv. 178, fls. 243.

¹¹ Idem, *Ibidem*, liv. 178, fls. 271.

¹² Idem, liv. 178, fls. 242 e 273 v.

¹³ Idem, liv. 178, fls. 266.

¹⁴ Idem, liv. 185, fls. 186.

¹⁵ Idem, liv. 192, fls. 182 v.

¹⁶ Idem, liv. 185, fls. 186 e liv. 182, fls. 180.

¹⁷ Idem, liv. 185, fls. 179 v. e 184 e liv. 189, fls. 180, 185 e 185 v.

quantitativo. Para Marin seguiu em 1690 apenas uma bacia de barbeiro feita daquela liga¹⁸ e, no ano seguinte, com destino a Vila Garcia foram algumas peças de estanho lavrado¹⁹. Para a mesma localidade e para Marin, foram vendidos faqueiros de 6 e duas facas²⁰. Em 1691 Arosa recebeu 2 dúzias de navalhas pequenas de Lisboa e outras 2 dúzias das de salto, de aço, da mesma proveniência²¹. Para Padrão foram, em 1699, 12 navalhas de barbear²².

Este comércio permite entrever a cidade do Porto como entreposto dos produtos que recebia regularmente do Norte da Europa. Isto é, para lá de muitos produtos da produção local, seguiram para a Galiza outros que a cidade recebia regularmente do Norte.

Do conjunto vasto de manufacturas, importa referir, para ilustrar esta ideia, bem como a variedade e insignificância do número de peças envolvidas que, para Pontevedra, Padrão e Vigo, seguiram 30 esteiras de vime.

Bocetas de faia pintada destinadas a conservas²³, pentes de madeira de buxo, alguns pintados²⁴ e pentes de osso²⁵, tesouras²⁶, alfinetes²⁷, vassouras de palma, 8 dúzias de tinteiros²⁸, 12 grosas de botões de seda²⁹ e 150 dúzias de vidros cristalinos, foram importados por Vigo em 1713³⁰.

Algumas grosas de cachimbos de gesso saíram no mesmo ano com destino a Arosa e Vila Garcia³¹.

Apreciados pelos galegos parecem ter sido também os candeeiros fabricados em Arrifana de Sousa (Penafiel). Para Pontevedra, Baiona da Galiza e Padrão, seguiram a maior parte das 204 peças pela quais foi paga a portagem no Porto no ano de 1691³².

As penas de escrever encontram-se também entre as manufacturas importadas pela Galiza e são de fabrico portuense alguns dos rosários de coquilho que as mãos dos fiéis de Padrão e Marin manusearam com fervor³³.

¹⁸ Idem, liv. 178, fls. 266 v.

¹⁹ Idem, liv. 179, fls. 267

²⁰ Idem, liv. 178, fls. 250 v. e 276.

²¹ Idem, liv. 179, fls. 269 v.

²² Idem, liv. 185, fls. 180.

²³ Idem, liv. 179, fls. 272 e 274.

²⁴ Idem, liv. 179, fls. 268 v. e 269.

²⁵ Idem, liv. 178, fls. 276 e 185.

²⁶ Idem, liv. 178, fls. 250 v. e liv.185, fls. 180.

²⁷ Idem, liv. 185, fls. 179 v.

²⁸ Idem, liv. 178, fls. 250 v.

²⁹ Idem, liv. 178, fls. 176.

³⁰ Idem, liv. 192, fls. 185 v.

³¹ Idem, liv. 178, fls. 247 e 247 v.

³² Idem, liv. 179, fls. 261 v., 272, 272 v. 273.

³³ Idem, liv. 185, fls. 180 e liv. 178, fls. 250 v.

Aduelas de Hamburgo³⁴ e alguns arcos de pau para pipas e tonéis³⁵ contam-se entre os materiais apontados.

O papel teve maior expressão sobretudo nas importações dos anos respeitantes à última década do século XVII. Embora os registos não forneçam dados objectivos para se conhecer a tipologia desses materiais e conseqüentemente o seu destino final, foi possível apurar serem significativas as exportações de papel que o Porto recebia de Génova e de França. Sobretudo o papel de Génova atingiu quantidades expressivas. Como exemplo, citamos o ano de 1690, em que rumaram maioritariamente aos portos de Vigo, Arosa, Vila Garcia e Corunha³⁶, as 1732 resmas exportadas. Sob o ponto de vista da utilização, aparece nos registos papel de embrulhar, com significado nas exportações de 1690: 1370 resmas.

De referir também entre os produtos que o Porto reexportou em 1691: 2 foles de ferreiro que rumaram à Biscaia³⁷ e um alambique de cobre, remetido para Vigo³⁸.

Os artigos de vestuário completam a lista de manufacturas. Para todos os portos galegos, em maior ou menor número foram meias ordinárias de Hamburgo³⁹ bem como boa quantidade de meias de lã da terra⁴⁰. Algumas dúzias de luvas⁴¹, vestidos de criança⁴², chapéus de lã da terra⁴³ e chapéus ordinários de Braga⁴⁴ para adulto e criança⁴⁵, são os artigos mais comuns.

2.2.2. Matérias-primas

Importantes para a laboração dos mesteres, as matérias primas brutas ou toscas surgem em segundo plano. Entre elas contam-se o aço que o Porto reexportava, recebido de Inglaterra⁴⁶ e da Alemanha⁴⁷. As quantidades não são significativas, 444,5 arrobas anuais em média, com ligeira quebra no ano de 1703.

A liga de chumbo parece ter subido de importância neste pequeno comércio.

³⁴ Idem, liv. 185, fls. 184 v.

³⁵ Idem, liv. 185, fls. 184 v.; liv. 189, fls. 185 e liv. 192, fls. 184 v. e 185.

³⁶ Para lá das localidades referidas, importaram papel de Génova nesse ano, Baiona, Vila João, Cambados, Betanços, Noia, Marin, Vila da Póvoa, Padrão, Bilbao, Bouças, Biscaia e Astúrias.

³⁷ Idem, liv. 169, fls. 266 v.

³⁸ Idem, liv. 179, fls. 275.

³⁹ Idem, liv. 179, fls. 274.

⁴⁰ Idem, liv. 189, fls. 183 v.

⁴¹ Idem, liv. 178, fls. 278 v. e liv. 189, fls. 184.

⁴² Idem, liv. 178, fls. 261.

⁴³ Idem, liv. 178, fls. 257 v.

⁴⁴ Idem, liv. 178, fls. 259 v.

⁴⁵ Idem, liv. 178, fls. 278 v.

⁴⁶ Idem, liv. 178, fls. 262 v.

⁴⁷ Idem, liv. 178, fls. 258 v.

Ausente no ano de 1690, ganhou expressão nos anos seguintes, atingindo as 131 arrobas em 1703. A esta subida não será alheio o esforço de guerra.

De estanho, é referida apenas uma exportação de cerca de 400 calões (sic), em 1703.

A folha de Flandres foi outro dos produtos inventariados. A sua expressão quantitativa de maior significado encontrou-se no ano de 1703, quando rumaram ao portos de Noia, Padrão, Vigo e à Biscaia 1000 folhas deste material⁴⁸.

Arames de ferro e de latão⁴⁹ encontram-se com alguma com alguma valia entre os produtos enviados em 1690, quase 100 arrobas, mas, nos anos seguintes as quantidades perdem significado. O alcatrão foi exportado com regularidade até 1699, mas desaparece nas exportações de 1703 e 1713.

As moscóvias, peles de origem russa destinadas à produção de manufacturas e de mobiliário, rumaram também aos portos galegos a partir do Porto, com expressão no ano de 1690: 142 peças. As solas de couro, oriundas do Brasil, tiveram também algum significado, e o mesmo se pode dizer dos cordovões⁵⁰, couros de cabra de origem transmontana, especialmente preparadas para o fabrico do calçado.

Foram ainda importados por Marin, Vila Garcia, Pontevedra, Arosa e Corunha, alguns feixes de junco, utilizado na fabricação de artefactos domésticos e também nas tarefas agrícolas⁵¹.

O sebo e a cera branca e amarela, em forma de pão ou transformados em velas, chegaram aos mesmos portos com regularidade nos 5 anos sondados.

Pequena expressão neste comércio tiveram o pau-brasil e o pau de campeche utilizados como corantes no fabrico de tintas. Apenas 2 arrobas em 1690⁵². A pedra-ume (alumen), utilizada na tinturaria, salga de peixe, na conservação de madeiras e na curtição de peles, foi em quantidades idênticas para Padrão, Vigo, Arosa, Vila Garcia e Pontevedra.

Destinadas a serem empregues pelos surradores da Biscaia, e das localidades galegas de Redondela, Vigo, Corunha e Noia, seguiram algumas arrobas anuais de sumagre, outro produto originário das encostas do vale do Douro⁵³.

Matérias primas de ínfimo significado foram o vime, destinado ao fabrico de esteiras⁵⁴ e o verdete⁵⁵, usado também na pigmentação de tintas, bem como alguns arráteis de goma arábica⁵⁶ e de enxofre.

⁴⁸ Idem, liv. 189, fls. 184, 184 v., 185 e 185 v.

⁴⁹ Idem, liv. 185, fls. 180.

⁵⁰ Idem, liv. 178, fls. 243 v. e 262 v.

⁵¹ A.D.P., *Cartório do Cabido da Sé do Porto*, liv. 178, fls. 271, 244 v e 252; liv. 179, fls. 267 v.; liv. 185, fls. 181 e 183.

⁵² Idem, *ibidem*, liv. 178, fls. 272.

⁵³ Idem, liv. 179, fls. 266; liv. 185, fls. 191, liv. 189, fls. 179 e 180 v. liv.189, fls. 181 e 184 v. e liv. 192, fls. 180.

⁵⁴ Idem, liv. 185, fls. 184 e 184 v.

⁵⁵ Idem, liv. 178, fls. 259 v., 276 e liv. 179, fls. 268 v. e 276 v.

⁵⁶ Idem, liv. 178, fls. 259 v.

De referir por último que parte do incenso queimado nas cerimónias religiosas galegas era expedido a partir da cidade do Porto.

2.2.3. *Produtos alimentares*

Vimos já que o açúcar (branco e mascavado) e o azeite foram produtos «âncora» deste comércio inter-regional. No entanto, o leque de produtos alimentares é também muito expressivo. Este grupo de mercadorias ocupa o terceiro lugar no cômputo das que o Porto forneceu à Galiza ao longo do período sondado.

Assim, para lá do açúcar branco, rumo aos portos galegos foram enviadas, em média, 222,5 arrobas de açúcar mascavado nos primeiros quatro anos. A amêndoa do Alto-Douro foi também produto apreciado, embora tenha saído do Porto em quantidades modestas, excepção feita ao ano de 1703 em que o total das exportações deste fruto ultrapassou a centena de arrobas.

O arroz proveniente do Brasil foi enviado com regularidade para Vigo, Corunha, Gijon, Biscaia, Padrão, Baiona da Galiza, Pontevedra, Vila Garcia, Bouças e Marin. Sinal de crescimento da exportação deste produto, conhece-se em 1713, ano em que atinge as 220 arrobas.

Progressivamente apreciados pelos galegos e biscaínhos foram os cacaus brasileiros do Pará⁵⁷ e do Maranhão⁵⁸: de 14 arrobas exportadas em 1691 alcançaram as 913 em 1699.

Sob a designação de conservas, rumaram à Galiza quantidades apreciáveis de marmelada e perada⁵⁹, por certo confeccionadas com frutos também oriundos da região duriense. Quase todas as localidades galegas com as quais o Porto mantinha relações de comércio apreciaram este produto, com destaque para Padrão, Vigo, Vila Garcia e Corunha⁶⁰.

Falando de fruta, não devemos esquecer os figos secos procedentes do Douro e do Algarve que o Porto vendia para Vila João e Vigo⁶¹ e ainda para Baiona da Galiza e Padrão⁶². Algumas dúzias de melões seguiram sobretudo para Padrão, Marin e a Corunha também os importaram em menor quantidade.

Os confeitos⁶³ oriundos do Porto eram apreciados em Padrão e Marin, locali-

⁵⁷ Idem, liv. 185, fls. 179.

⁵⁸ Idem, liv. 189, fls. 182.

⁵⁹ Idem, liv. 185, fls. 182, 182v. e 185 v.

⁶⁰ Embora em menor escala, Arosa, Baiona da Galiza, Cambados, Marin, Pontevedra, Noia e Biscaia, importaram as conservas.

⁶¹ A.D.P., *Cartório do Cabido da Sé do Porto*, liv. 178, fls. 256 v. e 257.

⁶² Idem, *Ibidem*, liv. 179, fls. 261 e liv. 185, fls. 187.

⁶³ Idem, liv. 178, fls. 244 v. e liv. 185, fls. 179 v., 181 v. e 186.

dades de destino de algumas arrobas de doce. Não sabemos através dos registos de que tipo de doce se trata, mas temos a certeza de ter sido provado noutras localidades galegas. Entre elas contam-se Corunha⁶⁴, Pontevedra⁶⁵ e chegava mesmo à Biscaia⁶⁶.

Queijo flamengo, saiu do Porto em pequenas quantidades, algumas arrobas, e foi importado por Marin, Vila Garcia, Vigo e Padrão.

O vinho era dos produtos com maior saída pela barra do Douro, no entanto os galegos dele não careciam. A Galiza produz vinho que rivaliza em qualidade com os melhores vinhos do Norte de Portugal⁶⁷. Não se estranha por isso esta quase ausência no trato entre as duas regiões, apenas quebrada pela importação de 11 almudes de vinho maduro em 1690, com destino a Arosa e Marin⁶⁸, 2 almudes em 1699, que rumaram a Padrão⁶⁹, bem como 2 pipas de vinho verde exportadas no mesmo ano, cujo destino não é mencionado⁷⁰.

Favas e feijão, 6 alqueires de cada, rumaram do Porto em 1699, mas o destino não aparece especificado nos registos⁷¹.

Um outro produto tradicional era o sal: em 1690, seguiram para os portos galegos 5350 alqueires. No entanto, esta mercadoria desapareceu nas exportações de 1691, 1699 e 1703, só reaparecendo em 1713 mas em quantidade muito inferior, 100 rasas.

2.2.4. Têxteis

O sector têxtil está bem representado nas exportações do Porto para a Galiza. Com efeito, sobretudo para Padrão, mas também para Vigo, Vila Garcia e Baiona da Galiza, seguiram em média nos três primeiros anos estudados, 58 côvados (39,44 m) de baeta branca e de cor.

Os panos dozeno, catorzeno e vinteno da Covilhã, marcaram também presença regular. Principalmente o pano dozeno, foi muito requisitado em 1690, 835,5 côvados (568,14 m) seguiram para os principais portos galegos. No mesmo ano rumaram a Vila João 17 côvados (11,56 m) de pano de Inglaterra. Alguns

⁶⁴ Idem, liv. 178, fls. 273.

⁶⁵ Idem, liv. 179, fls. 271 e liv. 185, fls. 182 v.

⁶⁶ Idem, liv. 179, fls. 266 v.

⁶⁷ Muito embora, no período filipino (1590), a Armada de El Ferrol se tenha abastecido de vinhos do Douro na cidade do Porto. Cf. SILVA, Francisco Ribeiro da – Porto, Noroeste de Portugal e Galiza: Achegas para o estudo dos intercâmbios de influências (1580-1640). «Boletim da Câmara Municipal do Porto», 2ª Série, vol. 3 e 4 (1985/86), p. 187.

⁶⁸ A.D.P., Cartório do Cabido da Sé do Porto, liv. 178, fls. 274 v. e 277.

⁶⁹ Idem, *ibidem*, liv. 185, fls. 180 v.

⁷⁰ Idem, liv. 185, fls. 184 v.

⁷¹ Idem, liv. 185, fls. 184 v.

côvados de Olanda⁷² seguiram para Vigo, porto que recebeu também Olandilha da terra, juntamente com Padrão, Marin e Baiona da Galiza. A catrapianha seguiu em grande quantidade, sobretudo em 1699, 518 varas (569,8 metros). A maior parte deste pano foi importado por Padrão, mas Vigo, Pontevedra e Vila Garcia também o usaram.

Neste capítulo incluem-se ainda as muitas peças de fitas de Braga⁷³ e outras designadas como fitas de seda⁷⁴ bem como alguns côvados de serafina⁷⁵, tecido de lã utilizado nos forros do vestuário.

2.2.5. Outros sectores

No ramo do mobiliário, exportaram-se do Porto para a Galiza, com regularidade, os leitos de pau preto de jacarandá, madeira brasileira de qualidade. Sobretudo Vigo, mas também Pontevedra, Marin e Vila Garcia, receberam estes exemplares do melhor mobiliário do norte de Portugal. Para a Corunha, seguiram, em 1690, 2 contadores confeccionados na mesma madeira⁷⁶. Com idêntica regularidade e destino, saíram do Porto as cadeiras de moscóvia, de pregos grandes⁷⁷ e pequenos⁷⁸, bem como bonitas cadeiras confeccionadas com couro do Brasil e decoradas com pregadura de latão⁷⁹.

Os tamboretos, cadeiras de braços sem espaldar fabricados em pau de preto de jacarandá e moscóvia⁸⁰ ou couro brasileiro⁸¹, foram também requisitados por galegos de bom gosto e posses. Saíram em número sobretudo para Vigo, Corunha e Pontevedra. Rematam a lista do mobiliário 2 bancas⁸², cujo destino não é especificado.

Surpreendeu-nos agradavelmente encontrar entre as mercadorias exportadas, bens culturais. Os livros também marcaram presença. As quantidades à primeira vista não parecem significativas, mas, se tivermos em linha de conta que o livro era, ainda em finais do século XVI, um bem raro e de preço, o caso muda um pouco de figura. Assim, no ano de 1690, foram exportados para Vila Garcia,

⁷² Idem, liv. 178, fls. 243 v. e liv. 189, fls. 182 v.

⁷³ Idem, liv. 178, fls. 273 v. e 276; liv. 179, fls. 264 e liv. 185, fls. 179 v., 186; liv. 189, fls. 179 e liv. 192, fls. 181 v.

⁷⁴ Idem, liv. 189, fls. 182.

⁷⁵ Idem, liv. 179, fls. 277 v., 278; liv. 185, fls. 181 v. e liv. 189, fls. 183 v. e 184.

⁷⁶ Idem, liv. 178, fls. 248.

⁷⁷ Idem, liv. 178, fls. 244, 244 v., 251 e 277 v.; liv. 179, fls. 277 v. e liv. 185, fls. 187, 179 v.

⁷⁸ Idem, liv. 179, fls. 262.

⁷⁹ Idem, liv. 192, fls. 181, 181 v. e 182.

⁸⁰ Idem, liv. 192, fls. 185.

⁸¹ Idem, liv. 192, fls. 185 v.

⁸² Idem, liv. 185, fls. 179.

123\$275 réis de livros, cuja temática não aparece especificada⁸³. No mesmo ano, seguiram com destino a Betanzos, mais 11\$000 réis de livros, cujo conteúdo também se desconhece⁸⁴. No ano seguinte, para Vila Garcia rumaram 70 livros de Direito, no valor total de 16\$000 réis⁸⁵ e com destino a Padrão seguiram ainda livros de conteúdo não mencionado que custaram 4\$000 réis⁸⁶. Em 1699, são referidos 70 livros de direito e um missal, remetidos para os portos da Biscaia e, embora o preço não seja mencionado, foi possível avaliar o seu valor em função da percentagem paga de portagem. Esta encomenda custou 113\$000 réis⁸⁷. Finalmente, no mesmo ano, a localidade de Padrão recebeu ainda 6\$000 réis de livros, sem que os registos falem da sua temática⁸⁸.

Dos materiais de construção, destaca-se o tabuado de pinho da terra e da Flandres⁸⁹, produto cuja exportação cresce no período considerado de 14 dúzias de unidades de conta em 1690, para 265 dúzias em 1713. Alguma pregadura foi exportada, bem como capa-rosa, zarcão e alvaiado, mas sem significado quantitativo de realce.

Munição e alguns maços de granadas, seguiram para quase todos os portos já mencionados, em quantidade particularmente significativa no ano de 1703, 484 arrobas; a guerra assim o exigiu.

No capítulo das especiarias, estas saíram regularmente do Porto para a Galiza: gengibre, pimenta, cominhos e o pau cravo do Maranhão.

O tabaco foi produto de grande exportação, mas somente nos anos de 1690 e 1691, com respectivamente 4092,5 e 1936,5 arrobas. Em 1699 e 1703, não figura nos registos, para reaparecer de forma tímida em 1713, com apenas 24 arrobas.

Algumas mesinhas, arroladas sob a designação de drogas de botica⁹⁰, são registadas por duas vezes: uma encomenda no valor de 15\$000 réis, com destino a Padrão e outra que seguiu para Vigo, no valor de 16\$640 réis.

De artigos de higiene apenas seguiram algumas dúzias de sabonetes para Padrão, em 1699⁹¹ e 1703⁹².

⁸³ Idem, liv. 178, fls. 256 v.

⁸⁴ Idem, liv. 178, fls. 262 v.

⁸⁵ Idem, liv. 179, fls. 267 v.

⁸⁶ Idem, liv. 189, fls. 73 v.

⁸⁷ Idem, liv. 185, fls. 181 v.

⁸⁸ Idem, liv. 185, fls. 186 v.

⁸⁹ Idem, liv. 178, fls. 172 v.

⁹⁰ Idem, liv. 185, fls. 183 v. e 184.

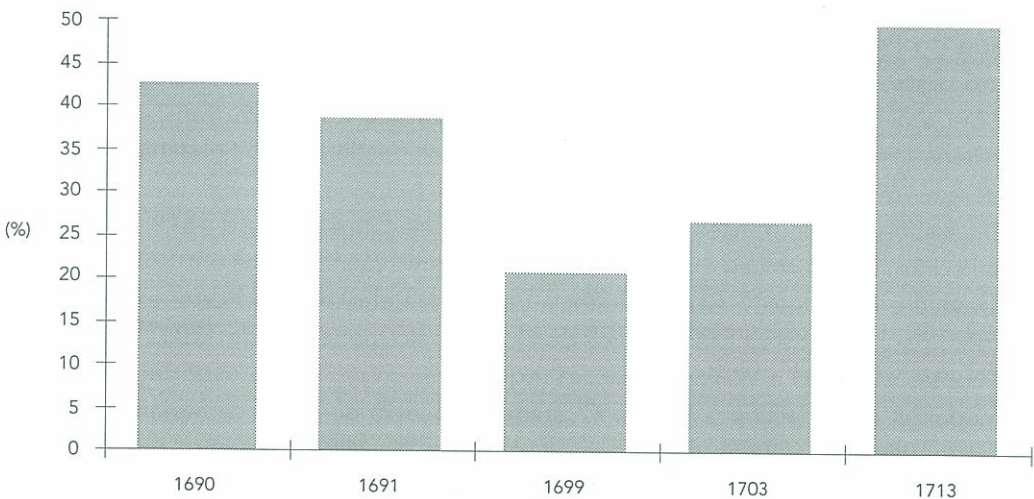
⁹¹ Idem, liv. 185, fls. 180.

⁹² Idem, liv. 179, fls. 274.

3. MERCADORES E MESTRES

A fonte utilizada permitiu-nos saber alguma coisa sobre os protagonistas deste comércio: uma primeira conclusão é a de que grande número dos contribuintes para a receita da portagem arrecadada pelo Cabido do Porto eram simultaneamente comerciantes e mestres das respectivas lanchas. Não podemos afirmar serem proprietários das embarcações que tripulavam mas, tratando-se de pequenos mercadores, não nos parece fora de toda a lógica admiti-lo.

Percentagem de mercadores/mestres de lancha



No ano de 1690, 43% dos homens do trato foram registados nessa situação. A percentagem de mercadores/mestres de lancha desce em três dos anos analisados: 1691 – 39%, 1699 – 21% e 1703 – 27%. Em 1713, 50% dos mercadores voltam a ser simultaneamente os mestres da respectiva embarcação.

Embora a fonte não forneça dados objectivos quanto à nacionalidade destes homens, ela pode ser aferida quer através da análise dos seus nomes quer, no caso dos mercadores/mestres, através da indicação da respectiva morada que é sempre mencionada nos registos.

Assim, estamos em condições de assegurar que a esmagadora maioria dos homens do trato para a Galiza são de nacionalidade Espanhola. Os mercadores/mestres são-no mesmo na totalidade. No entanto, alguns estrangeiros marcaram presença neste pequeno comércio.

Corim Van Der Horst é mercador holandês, profundamente embrenhado neste comércio; particularmente no ano de 1690, liderou em volume de mercadorias compradas no Porto.

Os mercadores ingleses, activos no Porto já em finais do século XVII, criaram raízes na capital nortenha de Portugal ao longo da primeira metade do século XVIII. Alguns deles também se interessaram pelo trato com a Galiza e o Norte de Espanha: Francisco Peckering, que surge activo em 1699 no transporte de açúcar e aguardente com destino à Corunha e à Biscaia, respectivamente⁹³, é já nosso conhecido. Pelo menos desde 1704 que o seu nome consta da lista de manifestantes de vinhos comprados no Douro, destinados à exportação. Este mercador britânico era residente na Rua Nova e naquele ano declarou em seu nome 657 pipas de vinho⁹⁴.

Thomas Phayre, é outro inglês radicado no Porto, morador na mesma rua. Naquele ano foi um dos grandes mercadores estrangeiros do trato vinícola na cidade do Porto. À sua conta exportou para o Norte 1411 pipas de vinho do Douro. Este número inclui algum vinho verde embarcado em Viana do Lima, embora em pequena escala⁹⁵. Surge também em seu nome um transporte de mobiliário (cadeiras e tamboretos de moscóvia) com destino a São Sebastião efectuado em 1699⁹⁶.

De nacionalidade francesa é o mercador José de Larre que, em 1699, enviou para Padrão, doces, cacau e panos⁹⁷ e, para o mesmo destino, mas em 1703, açúcar branco e conservas⁹⁸. Com residência na rua da Reboleira, no Porto, exportou também para o Norte vinhos maduros do Douro, pelo menos desde 1701⁹⁹.

Thomas Maynard e William Maynard registaram em seu nome exportações de mercadorias com destino à Galiza. O primeiro, baetas de cor e catrapianha e o segundo aduelas de Hamburgo e arcos para pipas¹⁰⁰. William Maynard surge-nos pela primeira vez também como negociante de vinhos do Douro para o Norte, no ano de 1705¹⁰¹.

João Lassen foi outro dos nomes estrangeiros que encontramos como participante individual ou em companhia comercial no trato com a Galiza e Norte de Espanha, sem conseguirmos no entanto precisar a sua nacionalidade.

⁹³ Idem, liv. 185, fls. 183 e 183 v.

⁹⁴ Arquivo Histórico Municipal do Porto, *Imposição do Vinho*, liv. n.º 1321.

⁹⁵ Idem, *Ibidem*, liv. n.º 1321.

⁹⁶ A.D.P., *Cartório do Cabido da Sé do Porto*, liv. 185, fls. 179 v.

⁹⁷ Idem, *ibidem*, liv. 185, fls. 180 v.

⁹⁸ Idem, liv. 189, fls. 187

⁹⁹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, *Imposição do Vinho*, liv. n.º 1319, fls. 179 v.

¹⁰⁰ A.D.P., *Cartório do Cabido da Sé do Porto*, liv. 185, fls. 182 e 184 v.

¹⁰¹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, *Imposição do Vinho*, liv. n.º 1322.

4. DA GALIZA PARA O PORTO

Esta comunicação ficaria incompleta se não fizessemos uma referência ainda que breve ao sentido inverso deste comércio. Isto é, se não procurássemos saber o que o Porto recebia dos principais portos galegos e da costa norte de Espanha. A fonte de que nos servimos para o efeito não é inédita¹⁰². Trata-se de informação contida nos *Livros de Visitas de Saúde*, guardados no Arquivo Histórico Municipal do Porto.

Através deles foi possível constatar que estamos em presença de um comércio muito mais volumoso que se afasta das características de comércio regional. Estamos em presença de um comércio internacional.

As embarcações visitadas que passaram a barra do Douro para os cais da Ribeira do Porto são por isso de tipo diferente das que venceram a mesma barra rumo à Galiza. Pelo menos nos últimos dez anos do século XVII, num conjunto de 73 navios, foram apenas visitadas 2 lanchas oriundas de portos galegos. A maioria dos navios daí procedentes eram patachos, caravelas e naus, embarcações de maior tonelagem do que as lanchas. Assim o exigia o tipo de produtos transportados. As quantidades a fonte não as indica, mas é possível apontar que a maioria destas embarcações trouxe ao Porto o ferro (30 transportes) e logo seguido do bacalhau (5 transportes). Os remos e a pregadura destinados à actividade de construção naval seguem-se-lhes, com 3 transportes. Em menor escala parecem ter vindo as aduelas e os arcos, o arroz, o queijo o papel e as mós. Destes produtos registaram-se apenas dois transportes.

Os *Livros de Visitas de Saúde* não são pródigos em relação a informações sobre a nacionalidade dos mercadores envolvidos neste trato. No entanto, comparados os nomes inscritos nesses livros com os registados nos *Livros da Portagem e Redízima*, reforçamos a ideia já expressa quanto às características deste comércio. Desaparecem os nomes dos pequenos mercadores para sobressaírem os de grosso trato. Destacam-se sobretudo os mercadores estrangeiros, alguns já atrás referenciados: o holandês Corim Van Der Horst, os ingleses Francisco Peckering, Henri Vitingau, Lançarote Stephaney, Charles Oblan e João Voyse que surge em nome individual ou em companhia. O francês José de Larre marcou presença, bem como o Hamburguês João Vanzeler.

Os portugueses e os galegos, a avaliar pelos nomes, parecem ter estado presentes nas importações da Galiza para o Porto, no entanto, torna-se difícil distingui-los através dos informes colhidos, já que os registos da nacionalidade que é possível retirar da fonte referem-se apenas à embarcação e não ao mercador.

¹⁰² FERREIRA, J. A. Pinto – *Visitas de Saúde às embarcações entradas na barra do Douro nos séculos XVI e XVII*. Porto, 1977. (Documentos e Memórias para a História do Porto; 41).

5. CONCLUSÕES

A importância da cidade do Porto como entreposto comercial aparece aqui claramente documentada, embora em escala diminuta: os artigos que o Porto vendia à Galiza e ao Norte de Espanha eram substancialmente os mesmos que fornecia às vilas portuguesas do interior norte ou do litoral e que lhe vinham de três procedências: do Alto-Douro, do Brasil e do Norte da Europa. Por outro lado, começa a adquirir alguma expressão o comércio de produtos das «fábricas» da cidade e dos seus arredores ou do interior do país: as louças finas de Vila Nova de Gaia e de Coimbra, as louças vidradas de Prado, os panos da Covilhã, as candeias de Penafiel, as fitas de Braga, os chapéus do Porto e de Braga.

O comércio de que aqui tratamos utiliza o mar como via de comunicação (o comércio através das vias terrestres não tem significado, sendo, naturalmente mais propício nas trocas efectuadas entre os lugares fronteiriços) e é assegurado sobretudo por pequenas embarcações a que a documentação chama lanchas, designação comum a diferentes tipos de navios que sulcavam as costas portuguesas, empregues quer na actividade piscatória, quer comercial. Alguns patachos, navios de dois mastros e de maior porte, encontram-se neste trato, mas em número reduzido. Os proprietários eram na maior parte dos casos os próprios mestres, que além de transportadores de fazendas alheias, mercadejavam também por sua conta e risco. O modo de vida de alguns seria precisamente este: pequena mercancia entre os portos da Galiza e os de Portugal.

A carga carregada no Porto não era provavelmente toda a carga incorporada no barco. Admitimos que o Porto fosse uma escala entre outras que o mestre fazia no retorno para o lugar de origem: alguns procederiam de Lisboa ou de Buarcos e outros receberiam carga suplementar em Viana ou Caminha.

Como caracterizar este comércio?

A este comércio chamaremos internacional porque era realizado entre dois Reinos. Mas suspeitamos de que os intervenientes não o sentiriam como tal.

Como ficou patente, não seria importante em razão do valor material das cargas. Mas é significativo por outras razões:

- a) No que se refere às importações, os produtos que o Porto compra à Galiza e à Biscaia são os tradicionais: pescado e ferro;
- b) O mesmo se diga quanto às exportações: se é verdade que o produto de mais valia exportado pelo Porto (que era o vinho maduro do Douro) não aparece aqui senão residualmente, os outros que eram típicos da exportação portuense têm alguma expressão: o azeite, o sumagre, as frutas (sob a forma de conservas), os couros do Brasil e alguns artefactos elaborados a partir de matérias primas coloniais.

Não sendo de grande alcance no que toca ao valor das mercadorias em circulação, o mesmo não se poderá dizer do seu significado social e humano: tratando-se de um pequeno comércio de utilidades e artigos vulgares necessários à vida quotidiana, a sociabilidade entre os que compram e os que vendem é muito mais espontânea, mais fácil e não raro assentava numa base afectiva, alimentada por múltiplos e não muito espaçados encontros.

Julgamos que esta ideia de complementaridade, de continuidade e de vizinhança activa jamais se perdeu inteiramente, ainda que no decorrer dos tempos tenha sido condicionada por razões de Estado que, no fundo, nem sempre coincidiram com os interesses reais das populações.

Hoje, abolidas as fronteiras, quase refeita a identidade idiomática, afastados os preconceitos inspirados pelas capitais políticas ou por aquilo que elas significam, estão criadas as condições para que se dê conteúdo prático à vizinhança e às afinidades que, ao que parece, o tempo não destruiu.

ANEXO I

MERCADORIAS	1690	1691	1699	1703	1713
Aço	62 arrobas	65 arrobas	22,5 arrobas	5 arrobas	68 arrobas
Açúcar branco	2499,5 arrobas	2266,5 arrobas	3751 arrobas	3626,5	1619
Açúcar mascavado	29 arrobas	141 arrobas	390 arrobas	330 arrobas	0
Aduelas de Hamburgo	0	0	3,5 milheiros	2 milheiros	0
Alambiques	0	1	0	0	0
Alcatrão	46,5 almudes	2,5 almudes	7 almudes	0	0
Alfinetes	54 dúzias	39 dúzias	23 dúzias	3 dúzias	0
Algodão em rama	0	0	0	7 arrobas	0
Almotolias	12 dúzias	0	0	0	0
Alvaiado	1,5 arrobas	6 arrobas	2 arrobas	4 arrobas	0
Amêndoa	28 arrobas	35,5 arrobas	19,5 arrobas	117 arrobas	3 arrobas
Arame	98,5 arrobas	10,5 arrobas	3 arrobas	0	0
Arcos de pau para pipas	0	0	12 feixes	8 feixes	14 feixes
Arroz	56,5 arrobas	70 arrobas	18 arrobas	40 arrobas	220 arrobas
Azeite	3487,5 almudes	3907 almudes	879,5 almudes	148,5 almudes	14 almudes
Baeta de cor	86,5 côvados	65,5 côvados	22 côvados	0	0
Bancas	0	0	2	0	0
Bocetas pintadas	6 ternos	16 ternos	0	0	0
Botões	12 grosas	0	0	0	0
Breu	1046 arrobas	112 arrobas	52 arrobas	4 arrobas	0
Cacau do Pará	0	14 arrobas	913 arrobas	268 arrobas	0
Cachimbos de gesso	32 grosas	0	0	8 grosas	0
Cadeiras de couro do Brasil	0	0	0	0	39
Cadeiras de moscóvia	46	9	36	0	13
Candeeiros de Arrifana	24	204	48	0	0
Canela	6 arráteis	0,5 arrátel	1 arrátel	4 arráteis	0
Capa rosa	66 arrobas	9,5 arrobas	0	8 arrobas	5 arrobas
Catrapianha	26 varas	292 varas	518 varas	200 varas	0
Cêra	45,5 arrobas	4 arrobas	4 arrobas	9 arrobas	10 arrobas
Chapéus de lã da terra	573	193	119	112	83
Chumbo	0	28 arrobas	2 arrobas	131 arrobas	0
Cola	2 arrobas	3,5 arrobas	0	0	3 arrobas
Cominhos	13 arrobas	10,5 arrobas	6,5 arrobas	11 arrobas	0
Confeitos	1 arroba	0	11 arrobas	0	0
Conservas	174 arrobas	153,5 arrobas	119,5 arrobas	177,5 arrobas	36 arrobas
Contadores de pau de jacarandá	2	0	0	0	0
Copos de vidro	0	0	1 dúzia	0	20 dúzias
Coquilha	12 dúzias	0	13 dúzias	0	0
Cordovões	7 dúzias	0	0	0	0
Dôce	3,2 arrobas	17,5 arrobas	24,9 arrobas	0	0
Drogas de botica	0	0	25\$640 réis	0	0
Droquete	36 côvados	0	0	12 côvados	0
Enxofre	16,5 arrobas	19,5 arrobas	2,5 arrobas	48 arrobas	4 arrobas
Erva doce	2,5 arrobas	2,5 arrobas	6,5 arrobas	3,5 arrobas	0
Espelhos	0	0	48	9	0
Estanho	0	0	0	400 caloens	0
Estanho lavrado	0	8 arráteis	0	0	0
Esteiras	8	2	11	0	8
Faqueiros	62	0	0	0	0

(continua)

Intercâmbios comerciais entre o norte de Portugal e a Galiza

(continuação)

MERCADORIAS	1690	1691	1699	1703	1713
Favas	0	0	6 alqueires	0	0
Feijão	0	0	6 alqueires	0	0
Figos	5 arrobas	1 arroba	4 arrobas	0	0
Fitas de Braga	57 peças	0	30 peças	0	0
Fitas de sêda	0	0	0	6 peças	0
Folha de Flandres	2 folhas	12 folhas	0	1000 folhas	0
Frascos	5 dúzias	3,5 dúzias	3 dúzias	0	0
Frasqueira	0	0	1	0	0
Galha	3,5 arrobas	3 arrobas	1 arroba	0	0
Gengibre	1 arroba	10,5 arrobas	13,5 arrobas	0	0
Granadas	0	63 maços	22 maços	0	0
Guarnições para cadeiras	0	0	30	0	0
Guarnições para tamboretos	0	0	8	0	0
Incenso	14 arrobas	8 arrobas	9,5 arrobas	0	0
Junco	25 feixes	15 feixes	19 feixes	0	0
Leito de pau de jacarandá	11	6	7	4	4
Livros	134\$275 réis	20\$000 réis	76\$000 réis	0	0
Louça branca de Coimbra	6 dúzias	45 dúzias	510 dúzias	0	90 dúzias
Louça branca de Vila Nova	360	176 dúzias	150 dúzias	55 dúzias	0
Louça de estanho	2 peças	0	0	0	0
Louça vidrada de Prado	32 dúzias	0	0	0	0
Luvas	3 dúzias	0	0	6 dúzias	0
Manicórdia	2 arrâteis	0	0	0	0
Marmelada	1 arroba	5 arrobas	6 arrobas	0	0
Meias	3 dúzias	8 dúzias	12,5 dúzias	44 dúzias	0
Melões	4 dúzias	6,5 dúzias	2 dúzias	1 dúzia	0
Moscóvias	142	36	0	0	0
Munição	17 arrobas	58 arrobas	8 arrobas	484 arrobas	0
Navalhas de Lisboa	0	4 dúzias	1 dúzia	0	0
Olanda	8 varas	0	0	8 varas	0
Olandilha da terra	29 côvados	10 côvados	0	0	0
Pandeiros	18 dúzias	9 dúzias	1 dúzia	0	0
Pano catorzeno da Covilhã	35 côvados	284 côvados	12 côvados	0	0
Pano de Inglaterra	17 côvados	0	0	0	0
Pano dozeno da Covilhã	835,5 côvados	45 côvados	0	0	0
Pano vinteno da Covilhã	12 côvados	0	0	0	0
Papel de embrulhar	1370 resmas	655 resmas	50 resmas	20	0
Papel de França	206 resmas	118 resmas	178 resmas	0	0
Papel de Génova	636 resmas	1732 resmas	39 resmas	145 resmas	0
Pau Brasil para tintas	2 arrobas	0	0	0	0
Pau cravo do Maranhão	7 arrobas	3,5 arrobas	12,5 arrobas	1,5 arrobas	3 arrobas
Pau de campeche	21 arrobas	38,5 arrobas	0,5 arrobas	10 arrobas	0
Pedra hume	41 arrobas	49 arrobas	4 arrobas	32 arrobas	0
Penas de escrever	18 milheiros	10 milheiros	14 milheiros	0	0
Penicos	0	0	70	83	0
Pentes de buxo	14 dúzias	438 dúzias	0	0	0
Pentes de osso	14 dúzias	0	13 dúzias	0	0
Pérolas falsas	0	0	0	10 marcos	0
Pimenta	25 kg	112 kg	34 kg	30 kg	7,5 kg

(continua)

(conclusão)

MERCADORIAS	1690	1691	1699	1703	1713
Pinho de flandres	28 paus	0	0	0	0
Pólvora	11 arrobas	13 arrobas	10 arrobas	8 arrobas	0
Pregos	6 tamborites	0	8 tamborites	0	0
Queijo flamengo	29 arrobas	2 queijos	0	3 arrobas	0
Sabonetes	0	30 dúzias	30 dúzias	0	0
Sal	5350 alqueires	0	0	0	100 rasas
Salsaparrilha	0	0	0	0	1
Sebo	241 arrobas	145,5 arrobas	251 arrobas	206 arrobas	289 arrobas
Sedeiros	0	12 dúzias	3 dúzias	0	0
Serafina	0	6 côvados	8 côvados	5 côvados	0
Sola	4 couros	31 couros	7 couros	67 couros	0
Sumagre	0	66 arrobas	12 arrobas	129 arrobas	1080 arrobas
Tabaco	4092,5 arrobas	1936,5 arrobas	0	0	24 arrobas
Tábuas de pinho da terra	14 dúzias	13 dúzias	127 dúzias	90 dúzias	265 dúzias
Tamboretetes de couro do Brasil	0	13	0	0	33
Tamboretetes de moscóvia	6	3	0	0	0
Tesouras	6 dúzias	0	2 dúzias	0	0
Tinteiros	8 dúzias	0	0	0	0
Vassouras de palma	61 dúzias	32 dúzias	3 dúzias	0	0
Verdete	19 arráteis	8 arrobas	0	0	0
Vestidos de criança	2	0	0	0	0
Vidros cristalinos	0	0	0	0	150 dúzias
Vime	0	0	300 liaças	0	0
Vinho maduro	6 almudes	0	0	0	0
Vinho verde	0	0	2 pipas	0	0
Xicaras para chocolate	0	0	6 dúzias	0	0
Zarcão	0	2 arrobas	2 arrobas	0	0

ANEXO II

Mercadores, destinos e nome das embarcações envolvidas
no comércio Porto-Galiza e Norte de Espanha (1690)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Agostinho do Verdial (mestre)	1690.08.28	Vigo	N.ª S.ª da Humildade
Alberto do Souto (mestre)	1690.10.20	Marin	N.ª S.ª da Conceição
	1690.07.05	Marin	N.ª S.ª da Conceição
Alberto Martins	1690.06.02	Vila Garcia	Santo António
Alberto Martins (mestre)	1690.03.08	Noia	Jesus Maria José
	1690.03.21	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
Aleixo Robidura (mestre)	1690.05.22	Galiza	N.ª S.ª do Bom Sucesso
Alonso Bermudes	1690.05.18	Biscaia	São Francisco
Alonso da Estrada (Dom)	1690.03.16	Padrão	Santo António
	1690.02.10	Cambados	N.ª S.ª do Rosário
	1690.07.12	Padrão	Santiago
	1690.10.30	Padrão	Santo António
Alonso de Pia (mestre)	1690.01.11	Arosa	N.ª Senhora do Rosário
Amaro do Rosal	1690.03.08	Marin	As almas
André da Silva Machado	1690.03.18	Astúrias	Santa Rosa (patacho)
André de Rorbiães (mestres)	1690.01.19	Vila Garcia	Espírito Santo
André de Sampaio (mestre da lancha)	1690.01.02	Baiona	N.ª Senhora do Rosário
André Domingues (mestre)	1690.01.21	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
André Garcia (mestre)	1690.06.22	Arosa	N.ª S.ª Antiga
André Rodrigues	1690.06.22	Corunha	São Roque
André Soares	1690.04.22	Arosa	São Domingos
	1690.08.26	Marin	São Boaventura
	1690.12.30	Vila Garcia	N.ª S.ª do Caminho
António Branco (mestre)	1690.08.26	Marin	São Boaventura
António da Renda (mestre)	1690.09.22	Arosa	São Boaventura
António de Liras	1690.07.17	Biscaia	Santo António
António de Mihares (mestre)	1690.03.03	Arosa	Santiago
António do Outeiro	1690.06.21	Vigo	São Miguel
	1690.06.21	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
António do Sino (mestre)	1690.02.04	Marin	N.ª Senhora da Penha de França
	1690.02.04	Vigo	N.ª Senhora da Cella
António Estevão (mestre)	1690.02.23	Vigo	Santo António e Almas
António Fernandes (mestre)	1690.03.18	Astúrias	Santa Rosa (patacho)
António Fernandes Atalaia (mestre)	1690.07.17	Astúrias	N.ª S.ª do Carmo
António Fernandes Tadeu (mestre)	1690.03.01	Corunha	Santo António
	1690.03.03	Arosa	Santo António
António Lopes	1690.01.17	Vigo	N.ª S.ª da Candelária
	1690.02.28	Vila Garcia	N.ª S.ª da Cortegada
	1690.03.06	Arosa	N.ª S.ª (sic)
	1690.05.08	Arosa	Santiago
	1690.09.19	Vila Garcia	N.ª S.ª da Conceição
António Martins (mestre)	1690.04.26	Bouças	Sacramento
	1690.04.26	Bouças	Sacramento
	1690.08.28	Bouças	Sacramento
António Rodrigues (mestre)	1690.01.19	Vigo	Sacramento
António Sanchez (mestre)	1690.05.12	Biscaia	N.ª S.ª da Barqueira

(continuação)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
António Vilarinho (mestre)	1690.03.13	Vigo	Santa Rosa
	1690.03.13	Marin	Almas
Baltazar Barbosa	1690.03.09	Baiona	Santo António
Baltazar de Oia (Dom)	1690.01.07	Marin	N.ª Senhora do Rosário
Barcos Gonçalves (mestre)	1690.05.11	Vigo	Santo António
Bento de Araújo da Silva	1690.04.22	Arosa	São Domingos
	1690.04.26	Vigo	Santo António
Bento Garcia	1690.01.02	Baiona	N.ª Senhora do Rosário
Bento Gomes	1690.02.20	Padrão	N.ª S.ª de Covalonga
	1690.02.20	Padrão	N.ª S.ª de Covalonga
Bernardo Serracina Baldez	1690.05.29	Biscaia	N.ª S.ª da Vegonha
	1690.05.29	Biscaia	N.ª S.ª da Vegonha
Cipriano Pedroso	1690.06.28	Vigo	Santo António
Corim Van der Horst	1690.01.09	Marin	N.ª Senhora do Rosário
	1690.01.11	Marin	N.ª Senhora da Begonha
	1690.01.11	Marin	N.ª Senhora do Rosário
	1690.02.10	Cambados	N.ª S.ª do Rosário
	1690.03.01	Corunha	Santo António
	1690.03.01	Corunha	Santo António
	1690.08.09	Vigo	Santa Rosa e Santiago
	1690.02.14	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
	1690.02.14	Arosa	Santa Rosa
	1690.02.15	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
	1690.02.15	Redondela	Santo António e Almas
	1690.02.15	Cambados	N.ª S.ª do Rosário
	1690.01.16	Vigo	N.ª S.ª da Candelária
	1690.01.19	Cambados	N.ª S.ª da Conceição
	1690.01.19	Vigo	Sacramento
	1690.01.21	Vigo	Espírito Santo
	1690.02.10	Cambados	N.ª S.ª do Rosário
1690.04.24	Vigo	Santo Cristo de Finisterra	
Cristovão do Grado (mestre)	1690.07.05	Biscaia	Santo António
Diogo Henriques Julião	1690.03.08	Marin	Almas
	1690.07.21	Marin	As Almas
	1690.08.28	Marin	N.ª S.ª da Conceição
	1690.12.30	Vila Garcia	N.ª S.ª do Caminho
Diogo Sanchez (mestre)	1690.05.12	Biscaia	N.ª S.ª da Barqueira
Dionísio Soares	1690.08.03	Vigo	São José e N.ª S.ª da Covalonga
Domingos António de Lugo	1690.06.02	Vila Garcia	Santo António
Domingos da Igreja (mestre)	1690.01.21	Vigo	Espírito Santo
Domingos da Vila	1690.04.26	Vigo	Santo Cristo Finisterra
Domingos de Basílio	1690.06.03	Vila Garcia	Santo António
Domingos de Beduido	1690.06.02	Vila Garcia	Santo António
Domingos de La Fuente	1690.10.30	Pontevedra	Santo Cristo do Socorro
Domingos de Mendoinha (mestre)	1690.07.21	Vigo	Santo António
Domingos de Minhana	1690.12.11	Marin	N.ª S.ª do Rosário
Domingos de Prendas	1690.02.18	Astúrias	N.ª S.ª da Soledade
Domingos de Valeixa (mestre)	1690.08.28	Vigo	As Almas
	1690.01.31	Vigo	As Almas

(continua)

Intercâmbios comerciais entre o norte de Portugal e a Galiza

(continuação)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Domingos Debrens (mestre)	1690.04.05	Arosa	São Domingos
Domingos do Toval	1690.04.26	Vigo	Santo António
Domingos dos Santos (mestre)	1690.05.10	Vigo	N.º S.º das Neves
Domingos Fernandes (mestre)	1690.02.16	Vigo	Santo António
Domingos Garcia (mestre)	1690.01.11	Marin	N.º Senhora da Begonha
	1690.03.14	Vila da Póvoa	Santo António
	1690.03.14	Vila da Póvoa	Santo António
Domingos Pacheco Monteiro	1690.03.16	Bilbau	Espírito Santo
Domingos Rodrigues (mestre)	1690.03.03	Vigo	N.º S.º das Neves
	1690.03.03	Arosa	Santiago
	1690.12.07	Vigo	N.º S.º das Neves
Domingos Saldanha Marinho	1690.09.22	Corunha	N.º S.º da Atalaia
Domingos Teixeira Ramalho	1690.06.12	Marin	N.º S.º da Penha de França
	1690.06.12	Marin	N.º S.º da Penha de França
	1690.06.15	Vigo	Santo Cristo do Socorro
	1690.10.03	Vigo	Santo António
	1690.10.03	Vigo	Santo António
	1690.01.17	Vigo	N.º S.º da Candelária
Filipe Barroso	1690.07.05	Marin	N.º S.º da Conceição
Francisco Alves Mendes	1690.02.10	Cambados	N.º S.º do Rosário
	1690.12.30	Vila Garcia	N.º S.º do Caminho
Francisco Colbel	1690.07.29	Vigo	N.º S.º da Candelária
Francisco de Manha (mestre)	1690.03.10	Marin	N.º S.º do Rosário
	1690.03.10	Marin	N.º S.º do Rosário
Francisco de Navia	1690.03.06	Arosa	N.º S.º (sic)
Francisco de Padim (mestre)	1690.03.21	Arosa	N.º S.º do Carmo
Francisco de Rua (mestre)	1690.04.24	Arosa	N.º S.º da Conceição
Francisco de Távora	1690.02.15	Redondela	Santo António e Almas
Francisco Fernandes Videirinha (mestre)	1690.03.20	Vigo	Santo António de Pádua
	1690.03.20	Arosa	N.º S.º do Rosário
Francisco Gonçalves (mestre)	1690.04.24	Arosa	N.º S.º do Rosário
Francisco Gonçalves Campos	1690.07.05	Vila Garcia	N.º S.º da Humildade
Francisco Laessa (mestre)	1690.05.18	Biscaia	São Francisco
Francisco Lopez (Dom)	1690.04.26	Vigo	Santo Cristo Finisterra
	1690.05.31	Vigo	São José e Almas
Francisco Martins (mestre)	1690.06.20	Arosa	N.º S.º do Rosário
	1690.06.20	Vigo	São Miguel
	1690.10.03	Arosa	N.º S.º do Rosário
	1690.02.10	Cambados	N.º S.º do Rosário
	1690.12.14	Vigo	N.º S.º do Rosário
Francisco Moa	1690.03.15	Bilbau	Espírito Santo
Francisco Moreira	1690.12.14	Vigo	N.º S.º do Rosário
Francisco Mourão de La Riba e C.º	1690.02.18	Astúrias	N.º S.º da Soledade
Fructuoso de Prado e Vamonde	1690.02.21	Betanços	São Boaventura
Gonçalo de Toval	1690.06.28	Vigo	Santo António
Gregório Fernandes	1690.04.24	Arosa	N.º S.º da Conceição
	1690.09.01	Arosa	Santo Cristo de Finisterra
Jacinto de Azevedo	1690.08.09	Vigo	Santa Rosa e Santiago
Jacinto de Azevedo Sotomaior	1690.04.26	Bouças	Sacramento

(continua)

(continuação)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Jacinto Sanchez	1690.03.22	Vigo	Santo António de Pádua
Jerónimo Brandão da Silva	1690.02.16	Redondela	Santo António e Almas
	1690.02.16	Vigo	Santo António
	1690.07.05	Marin	N.º S.º da Conceição
	1690.03.09	Baiona	Santo António
Jerónimo Peres	1690.09.01	Arosa	Santo Cristo de Finisterra
	1690.01.02	Baiona	N.º Senhora do Rosário
João António do Campo	1690.05.24	Corunha	N.º S.º da Atalaia
João Claro (mestre)	1690.09.22	Corunha	N.º S.º da Atalaia
	1690.03.13	Baiona	Santo António
João de Costoias	1690.05.18	Arosa	N.º S.º do Rosário
João de Nápoles (mestre)	1690.04.05	Arosa	São Domingos
João de Pontevedra (mestre)	1690.03.11	Marin	As Almas
	1690.12.11	Marin	N.º S.º do Rosário
	1690.12.14	Marin	N.º S.º da Soledade
	1690.12.30	Vigo	N.º S.º das Neves
João de Torres	1690.07.18	Avilez	N.º S.º da Humildade
João Dmingues de Aguiar	1690.12.29	Vigo	N.º S.º das Neves
João do Vale (mestre)	1690.02.17	Arosa	Santo António
João Domingos do Outeiro	1690.03.22	Arosa	Anjo da Guarda
	1690.03.22	Arosa	Anjo da Guarda
João Domingues de Aguiar	1690.03.16	Bilbau	Espírito Santo
	1690.03.17	Padrão	N.º S.º do Rosário
	1690.07.12	Baiona	N.º S.º das Neves
	1690.07.12	Baiona	N.º S.º das Neves
	1690.07.12	Biscaia	N.º S.º da Conceição
	1690.07.12	Biscaia	N.º S.º da Conceição
	1690.07.18	Biscaia	N.º S.º da Conceição
	1690.07.21	Vigo	N.º S.º da Conceição
	1690.08.14	Astúrias	N.º S.º da Conceição
	1690.08.17	Vigo	São José e Almas
	1690.08.23	Vigo	N.º S.º do Rosário
	1690.12.14	Vigo	N.º S.º do Rosário
	1690.07.22	Marin	As Almas
	1690.01.11	Marin	N.º Senhora da Begonha
1690.09.23	Biscaia	Jesus Maria José	
1690.09.22	Biscaia	Jesus Maria José	
João Maria Rosso	1690.12.14	Marin	N.º S.º do Rosário
	1690.03.06	Vigo	Santo Cristo do Socorro
João Martins (mestre)	1690.05.12	Vigo	Santo Cristo do Socorro
	1690.06.15	Vigo	Santo Cristo do Socorro
	1690.10.30	Pontevedra	Santo Cristo do Socorro
João Nunes	1690.02.23	Vigo	Santo António e Almas
João Pereira	1690.03.09	Baiona	Santo António
João Peres (mestre)	1690.02.22	Vigo	Santa Rosa
	1690.02.22	Vigo	Santa Rosa
	1690.05.20	Vigo	Santa Rosa
	1690.08.01	Bouças	Santa Rosa
	1690.08.28	Marin	N.º S.º da Conceição

(continua)

Intercâmbios comerciais entre o norte de Portugal e a Galiza

(continuação)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
João Torres	1690.01.16	Vigo	N.º S.º da Candelária
João Toucido (mestre)	1690.08.09	Vigo	Santa Rosa e Santiago
José C. Valdez	1690.04.26	Vigo	Santo António
José da Estrada	1690.02.13	Cambados	N.º S.º do Rosário
	1690.03.31	Arosa	N.º S.º do Carmo
	1690.10.20	Marín	N.º S.º da Conceição
	1690.12.30	Vila Garcia	N.º S.º do Caminho
José do Rêgo (mestre)	1690.06.07	Biscaia	Espírito Santo
	1690.06.09	Biscaia	Espírito Santo
José Fernandes (mestre)	1690.02.22	Vigo	Santo Cristo de Finisterra
	1690.02.22	Vigo	Santo Cristo de Finisterra
	1690.09.01	Arosa	Santo Cristo de Finisterra
José João Domingues de Aguiar	1690.03.11	Marín	As Almas
José Maria Rosso	1690.12.09	Vigo	N.º S.º das Neves
	1690.12.09	Baiona	Santiago e Santa Rosa
Lourenço da Camba (mestre)	1690.04.26	Corunha	São Roque
	1690.05.08	Corunha	São Roque
	1690.06.22	Corunha	São Roque
	1690.09.01	Arosa	N.º S.º do Rosário
Lourenço de Covilas (mestre)	1690.08.17	Astúrias	São José e Almas
Luís Girandes	1690.01.13	Vila João	Santo António
Manuel Gonçalves (mestre)	1690.07.13	Marín	N.º S.º do Rosário
Manuel da Silva	1690.06.23	Corunha	São Roque
Manuel de Pena (mestre)	1690.05.31	Vigo	São José e Almas
	1690.06.01	Vigo	São José e Almas
Manuel de Távora	1690.01.21	Vila Garcia	Espírito Santo
	1690.04.04	Arosa	N.º S.º do Carmo
	1690.02.18	Arosa	Santo António
	1690.02.18	Arosa	Santiago
	1690.02.21	Arosa	Santo António
	1690.02.21	Betanços	São Boaventura
	1690.07.21	Marín	As Almas
	1690.08.28	Arosa	Santo Cristo de Finisterra
	1690.10.03	Arosa	N.º S.º do Rosário
Manuel Fernandes da Costa (mestre)	1690.05.09	Corunha	São Roque
Manuel Passeiro	1690.03.01	Corunha	Santo António
Manuel Saldanha	1690.02.25	Vigo	Santo António e Almas
	1690.06.09	Navia	N.º S.º das Mercês
	1690.08.01	Bouças	Santa Rosa
	1690.08.03	Vigo	São Miguel
Marcos Garcia (mestre)	1690.03.21	Arosa	Anjo da Guarda
Marcos Gomes	1690.01.19	Cambados	N.º S.º da Conceição
	1690.03.17	Astúrias	Conceição
Martinho de Aguiar	1690.03.01	Vila Garcia	N.º S.º da Cortegada
	1690.03.01	Corunha	Santo António
Mateus Fernandes (mestre)	1690.03.09	Arosa	Santa Rosa
Matias de Costa	1690.02.16	Vigo	Santo António
Matias de Outeiro	1690.10.03	Vigo	Santo António
	1690.10.03	Vigo	Santo António

(continua)

(conclusão)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
	1690.03.09	Baiona	Santo António
	1690.05.20	Vigo	Santa Rosa
	1690.07.07	Baiona	N.ª S.ª das Neves
Miguel de Montenegro (Dom)	1690.07.07	Vila João	Santo António
	1690.01.17	Vila João	Santo António
Miguel Garcia	1690.06.09	Navia	N.ª S.ª das Mercês
Miguel Rodrigues (mestre)	1690.05.08	Padrão	Santo António
Nicolau Gonçalves (mestre)	1690.06.22	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
Pedro Cantilho	1690.05.22	Galiza	N.ª S.ª do Bom Sucesso
Pedro de Castro	1690.01.17	Vigo	N.ª S.ª da Candelária
Pedro do Rosal	1690.01.11	Marin	N.ª Senhora da Begonha
Pero Branco (mestre)	1690.06.28	Vigo	Santo António
Pero da Igreja (mestre)	1690.03.20	Bilbau	N.ª S.ª do Rosário
	1690.02.06	Vigo	N.ª Senhora da Humildade
Pero de Di (sic)	1690.03.01	Corunha	Santo António
Pero de Prado	1690.03.01	Corunha	Santo António
Pero Fernandes Videirinho (mestre)	1690.12.07	Baiona	Santiago e Santa Rosa
Pero Ferreira da Costa	1690.07.31	Llanes	São José e N.ª S.ª da Covalonga
Pero Garcia (mestre)	1690.12.11	Marin	N.ª S.ª da Soledade
Pero Garcia Lacosta (mestre)	1690.04.26	Biscaia	N.ª S.ª da Covalonga
	1690.05.05	Biscaia	N.ª S.ª de Covalonga
Pero Lopes de Oliveira	1690.03.17	Padrão	N.ª S.ª do Rosário
Pero Patas (mestre)	1690.08.03	São Vicente da Barqueira	São José e N.ª S.ª da Covalonga
Pero Soares (mestre)	1690.05.17	Gijon	N.ª S.ª de Contresses
Sammuel Palmer	1690.04.24	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
Sebastião Fernandes	1690.02.16	Vigo	Nossa Senhora a Digna
Sebastião Peres (mestre)	1690.03.17	Vigo	Jesus Maria José
Sebastião Viçoso (mestre)	1690.07.29	Vigo	Espírito Santo
	1690.09.26	Biscaia	Espírito Santo e São Boaventura
Silvestre Rodrigues do Couto	1690.01.02	Baiona	N.ª Senhora do Rosário
Tomé Gonçalves (mestre)	1690.08.28	Arosa	Santo Cristo de Finisterra

**Mercadores, destinos e nome das embarcações envolvidas
no comércio Porto-Galiza e Norte de Espanha (1691)**

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Alberto do Vale (mestre)	1691.04.07	Arosa	N.º S.º da Conceição
Alonso de Estrada	1691.04.09	Arosa	São José da Conceição
	1691.10.10	Padrão	N.º S.º da Conceição
André Motaes (mestre)	1691.02.12	Biscaia	N.º S.º do Caminho
António da Renda (mestre)	1691.07.30	Vila Garcia	São Boaventura
António da Vila (mestre)	1691.01.29	Biscaia	Pataxo Santíssima Trindade
António do Sino (mestre)	1691.10.25	Padrão	N.º S.º da Penha de França
António Garcia (mestre)	1691.04.07	Arosa	N.º S.º e Almas
António Lopes	1691.06.01	Vila Garcia	N.º S.º Antiga
	1691.06.02	Vila Garcia	N.º S.º Antiga
	1691.06.06	Vigo	Santo António
	1691.10.25	Padrão	Santo António
	1691.10.25	Padrão	Santo António
	1691.02.12	Padrão	N.º S.º da Cortegada
António Martins (mestre)	1691.12.03	Bouças	Sacramento
António Rodrigues Lanhoso	1691.04.05	Baiona	Espírito Santo e São Boaventura
António Sarmento	1691.02.17	Arosa	N.º S.º do Rosário
Bartolomeu Selim	1691.04.05	Baiona	Espírito Santo e São Boaventura
Bento de Buraço (mestre)	1691.10.25	Padrão	Santo António
Bento Gomes (mestre)	1691.04.07	Arosa	São José da Conceição
	1691.04.10	Arosa	São José da Conceição
Corim Van Der Horst	1691.04.11	Corunha	Espírito Santo
	1691.06.15	Arosa	N.º S.º do Carmo
	1691.11.03	Vigo	Santiago
	1691.11.05	Vigo	N.º S.º da Conceição
	1691.11.14	Marín	São João Baptista
	1691.11.20	Vigo	N.º S.º das Neves e Santo António
Diogo de Palácio	1691.02.13	Arosa	N.º S.º do Rosário
Diogo Henriques Julião	1691.02.01	Corunha	N.º S.º da Conceição
	1691.02.12	Biscaia	N.º S.º do Caminho
	1691.02.12	Vigo	São José
	1691.04.05	Bilbau	Almas
	1691.04.05	Baiona	Espírito Santo e São Boaventura
	1691.11.15	Padrão	As Almas
	1691.04.10	Marín	N.º S.º do Rosário
	1691.06.12	Arosa	N.º S.º do Carmo
Diogo Martins Palácio	1691.10.02	Arosa	N.º S.º do Carmo
	1691.04.07	Vigo	Espírito Santo
Domingos António	1691.05.28	Vigo	N.º S.º da Candelária
	1691.06.01	Vila Garcia	N.º S.º Antiga
Domingos António do Lago	1691.01.23	Pontevedra	Santo António
Domingos António do Outeiro	1691.05.04	Vigo	São Boaventura
Domingos da Silva	1691.05.05	Vila Garcia	Jesus
Domingos de la Fonte	1691.02.01	Corunha	N.º S.º da Conceição
Domingos de Pena (mestre)	1691.11.20	Marín	N.º S.º do Pé de Ouro
Domingos de Refojos (mestre)	1691.12.03	Vigo	Santo Cristo de Finisterra
	1691.12.04	Vigo	Santo Cristo de Finisterra

(continua)

(continuação)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
	1691.12.04	Vigo	Santo Cristo de Finisterra
	1691.06.06	Vigo	Santo António
Domingos Fontinho	1691.07.07	Padrão	Santiago
Domingos Galego (mestre)	1691.11.10	Marin	São João Baptista
Domingos Garcia (mestre)	1691.04.10	Corunha	Espírito Santo
Domingos Leite (mestre)	1691.02.01	Corunha	N.º S.º da Conceição
Domingos Lopes	1691.10.25	Padrão	N.º S.º da Penha de França
Domingos Pacheco Monteiro	1691.04.20	Biscaia	N.º S.º do Rosário
Domingos Ramalho Teixeira	1691.01.02	Vigo	São Miguel
Domingos Rodrigues (mestre)	1691.11.19	Vigo	N.º S.º das Neves e Santo António
Domingos Teixeira Ramalho	1691.11.14	Padrão	As Almas
	1691.01.31	Padrão	N.º S.º do Rosário
	1691.10.29	Marin	N.º S.º da Soledade e Almas
	1691.10.31	Marin	N.º S.º da Soledade e Almas
	1691.12.07	Arosa	N.º S.º do Rosário
	1691.12.07	Vigo	N.º S.º da Sela
Fernando Lopez	1691.02.12	Vigo	São José
Fernão Rodrigues (mestre)	1691.05.28	Llanes	N.º S.º do Rosário
Francisco Alvares Mendes	1691.01.29	Biscaia	Pataxo Santíssima Trindade
Francisco Chavia (mestre)	1691.09.26	Biscaia	N.º S.º de Covalonga
Francisco da Camba (mestre)	1691.11.20	Arosa	N.º S.º do Rosário
	1691.12.03	Arosa	N.º S.º do Rosário
Francisco de Miranda	1691.04.09	Arosa	N.º S.º e Almas
Francisco de Padim (mestre)	1691.06.11	Arosa	N.º S.º do Carmo
	1691.10.02	Arosa	N.º S.º do Carmo
Francisco do Porto Pedroso	1691.05.31	Arosa	N.º S.º do Rosário
	1691.10.29	Marin	N.º S.º da Soledade e Almas
Francisco Lago (mestre)	1691.08.01	Neda	N.º S.º do Rosário
Francisco Porto Pedroso	1691.01.08	Astúrias e Biscaia	Santo António e Almas
Frei João Agostinho (sic)	1691.11.12	Marin	São João Baptista
Frei João de Santo Agostinho (sic)	1691.11.12	Marin	São João Baptista
Gonçalo de Tovar	1691.04.05	Baiona	Espírito Santo e São Boaventura
Gonçalo de Turmes (mestre)	1691.02.12	Biscaia	Santo Inácio
Gregório Fernandes (mestre)	1691.01.18	Baiona	Espírito Santo
	1691.01.18	Baiona	Espírito Santo
	1691.06.01	Baiona	São Miguel
Gregório Fernandes (mestre)	1691.06.07	Baiona	São Miguel
	1691.01.02	Vigo	São Miguel
Jacinto Domingues	1691.10.10	Padrão	N.º S.º da Conceição
Jacinto Soares	1691.02.17	Arosa	N.º S.º do Rosário
Jacome de Santa Vaia	1691.07.07	Padrão	Santiago
Jerónimo Brandão	1691.01.11	Astúrias e Biscaia	Santo António e Almas
Jerónimo Peres	1691.08.08	Baiona da Galiza	Santo António
João António de Castilho	1691.11.14	Marin	São João Baptista
João de Calonga	1691.11.12	Marin	São João Baptista
João de Condes	1691.10.10	Padrão	N.º S.º da Conceição
	1691.01.31	Padrão	N.º S.º do Rosário
João de Fontes	1691.05.31	Arosa	N.º S.º do Rosário
João de La Fuente e Mendonça (mestre)	1691.07.05	Biscaia	N.º S.º da Barqueira

(continua)

Intercâmbios comerciais entre o norte de Portugal e a Galiza

(continuação)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
João de Nápoles (mestre)	1691.12.07	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
João de Nogueira (mestre)	1691.05.26	Vigo	N.ª S.ª da Candelária
João de Romão (mestre)	1691.11.03	Vigo	Santiago
João de Sousa	1691.04.11	Biscaia	N.ª S.ª do Rosário
	1691.05.05	Vila Garcia	Jesus
João de Sousa (Dom)	1691.05.04	Vila Garcia	Nome de Jesus
João de Torres	1691.05.26	Vigo	N.ª S.ª da Candelária
João Domingues de Aguiar	1691.01.23	Pontevedra	Santo António
	1691.04.10	Biscaia	N.ª S.ª do Rosário São João
	1691.04.10	Biscaia	N.ª S.ª do Rosário
	1691.04.11	Biscaia	N.ª S.ª do Rosário e São João
	1691.04.20	Biscaia	N.ª S.ª do Rosário
	1691.07.05	Biscaia	N.ª S.ª de Contraces
	1691.07.05	Biscaia	N.ª S.ª da Barqueira
	1691.07.30	Vila Garcia	São Boaventura
	1691.12.07	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
	1691.10.11	São Sebastião	N.ª S.ª das Mercês
João Fernandes (mestre)	1691.05.31	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
	1691.05.31	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
João Lousa	1691.07.05	Biscaia	N.ª S.ª da Barqueira
João Torres	1691.05.04	Vigo	São Boaventura
João Toucido (mestre)	1691.08.07	Baiona da Galiza	Santo António
José da Estrada	1691.05.31	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
	1691.01.30	Padrão	N.ª S.ª do Rosário
	1691.06.02	Vila Garcia	N.ª S.ª Antiga
	1691.07.07	Padrão	Santiago
	1691.10.11	Padrão	N.ª S.ª da Conceição
	1691.11.14	Padrão	As Almas
José de Nápoles (mestre)	1691.10.02	Arosa	N.ª S.ª do Carmo
	1691.10.10	Padrão	N.ª S.ª da Conceição
José de Pires (mestre)	1691.07.05	Biscaia	N.ª S.ª de Contraces
José Fernando de Naxesa	1691.07.14	Pontevedra	As Almas
José Maria Rosso	1691.04.10	Padrão	N.ª S.ª do Rosário
	1691.04.20	Biscaia	N.ª S.ª do Rosário e São João
	1691.12.04	Marin	N.ª S.ª do Pé de Ouro
José Martins (mestre)	1691.05.04	Vigo	São Boaventura
José Perez (mestre)	1691.07.24	Vigo	N.ª S.ª do Rosário
José Rodrigues e companheiros (mestre)	1691.07.05	Biscaia	N.ª S.ª de Contraces
Lourenço da Silva (mestre)	1691.12.07	Arosa	N.ª S.ª do Rosário
Manuel da Costa	1691.03.29	Padrão	Santo António
Manuel de Távora	1691.10.25	Padrão	N.ª S.ª da Penha de França
	1691.10.29	Marin	N.ª S.ª da Soledade e Almas
	1691.03.30	Padrão	Santo António
	1691.11.15	Padrão	As Almas
Manuel do Vale Braga	1691.01.29	Biscaia	Pataxo Santíssima Trindade
Manuel Veras Ferreira	1691.11.14	Vila Garcia	São Boaventura
Marcos Gomes	1691.04.09	Arosa	N.ª S.ª da Conceição
Mariana dos Reis (religiosa de Monchique) (sic)	1691.11.16	Padrão	As Almas
	1691.11.16	Padrão	As Almas

(continua)

(conclusão)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Martinho Colaço (mestre)	1691.12.07	Arosa	N.º S.º do Rosário
Matias do Outeiro	1691.05.04	Vila Garcia	Nome de Jesus
	1691.08.07	Baiona da Galiza	Santo António
Miguel de Morie	1691.11.14	Vila Garcia	São Boaventura
	1691.11.14	Vila Garcia	São Boaventura
Miguel de Novalha (mestre)	1691.11.06	Vigo	Santo Nome de Jesus
	1691.11.07	Vigo	Santo Nome de Jesus
Padre José Viguera Gonçalves	1691.02.12	Arosa	N.º S.º do Rosário
Paulo do Outeiro (mestre)	1691.04.09	Arosa	Santo António
Pedro de Oliveira	1691.03.29	Padrão	Santo António
	1691.03.29	Padrão	Santo António
Pedro do Rossal	1691.01.02	Vila Garcia	N.º S.º do Caminho
Pero Fernandes Videirinha (mestre)	1691.01.11	Bilbau	Santo António
	1691.11.27	Vigo	Santiago
	1691.01.11	Corunha	N.º S.º da Atalaia
Pero Gonçalves	1691.04.05	Baiona	Espírito Santo e São Boaventura
	1691.04.07	Arosa	São José da Conceição
	1691.08.07	Baiona da Galiza	Santo António
Sebastião Fernandes Brinços (mestre)	1691.11.20	Vigo	Santa Teresa a Digna
Sebastião Rodrigues (mestre)	1691.11.20	Vigo	N.º S.º dos Remédios
Sebastião Viçoso (mestre)	1691.01.18	Baiona	Espírito Santo
	1691.04.05	Baiona	Espírito Santo e São Boaventura
	1691.09.24	Vigo	Espírito Santo São Boaventura
Tomás da Grança (mestre)	1691.01.11	Astúrias e Biascaia	Santo António e Almas

**Mercadores, destinos e nome das embarcações envolvidas
no comércio Porto-Galiza e Norte de Espanha (1699)**

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Alonso de Estrada	1699.06.23	Padrão	N.º S.º a Digna
André de Viar	1699.08.13	Biscaia	Pataxo N.º S.º da Guia
André Vasques	1699.03.06	Padrão	São Boaventura
António da Naya	1699.03.10	Padrão	São José
	1699.03.10	Padrão	Nossa Senhora do Rosário
António de Araújo	1699.03.06	Padrão	São Boaventura
António Dias	1699.08.12	Baiona	Santo Cristo de Finisterra
António Perez	1699.05.19	Padrão	Jesus Maria José
António Pires (mestre)	1699.10.26	São Sebastião Biscaia	São Francisco Santo António
Bartolomeu de Mens	1699.09.04	Pontevedra	Santiago
Benito Gomes	1699.03.10	Padrão	São José
Benito Parolete	1699.06.23	Biscaia	Santo Cristo de Candes e N.º S.º do Socorro
Corim Van Der Horst	1699.07.01	Baiona de França e Bilbao	N.º S.º do Rosário e São José
Diogo de Palácio	1699.03.09	Padrão	São Boaventura
	1699.10.22	Padrão	N.º S.º do Rosário
Diogo Garcia	1699.07.01	Baiona de França e Bilbao	N.º S.º do Rosário e São José
	1699.10.26	São Sebastião Biscaia	São Francisco Santo António
	1699.10.26	Vigo	Espírito Santo
Domingos Alves Guimarães	1699.09.18	Padrão	Santo António e Almas
	1699.09.22	Vigo	Jesus Maria José
Domingos Casqueiro	1699.09.04	Pontevedra	Santiago
	1699.10.12	Pontevedra	N.º S.º a Digna
Domingos de Boubela (mestre)	1699.12.23	Vigo	N.º S.º da Conceição
	1699.09.17	Vigo	N.º S.º da Conceição
Domingos de Nogueira (mestre)	1699.07.14	Vigo	N.º S.º da Candelária
	1699.01.03	Não especificado	Jesus Maria José
	1699.02.14	São Sebastião de Biscaia	Nossa Senhora e Almas
	1699.02.19	Vila Garcia	Santo Cristo de Finisterra
Domingos Salgado	1699.04.10	Porto Novo	Santo António
Estevão Biscaia (mestre)	1699.08.13	Não especificado	Sétia N.º S.º do Carmo e Santiago
Fernando Lopes	1699.03.17	Ponte Vedra	N.º S.º da Conceição
	1699.03.18	Ponte Vedra	N.º S.º da Conceição
	1699.06.22	Pontevedra	N.º S.º da Conceição
	1699.12.22	Padrão	Santa Rosa
	1699.10.13	Vigo	N.º S.º da Conceição
Filipe Ança	1699.05.16	Biscaia	Pataxo N.º S.º do Rosário
Francisco Fernandes Videirinha (mestre)	1699.10.12	Vigo	N.º S.º da Conceição
Francisco Grácia	1699.12.22	Padrão	Santa Rosa
Francisco Peking	1699.06.23	Corunha	N.º S.º do Rosário
	1699.06.23	Biscaia	Santo Cristo de Candes N.º S.º do Socorro
	1699.07.01	Corunha	São José e Almas
Gabriel Pinto	1699.01.02	Não especificado	Nossa Senhora da Consolação
Gaspar Vassen	1699.03.11	Padrão	N.º S.º do Rosário
	1699.03.11	Padrão	N.º S.º do Rosário
George Severs	1699.03.31	Corunha	N.º S.º de Finisterra
Gregório Fernandes	1699.03.20	Baiona	N.º S.º do Rosário
Guilherme Maynard	1699.08.26	Viana	N.º S.º da Conceição

(continua)

(continuação)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Jacinto Soares (mestre)	1699.05.26	Padrão	N.º S.º do Rosário
	1699.05.26	Pontevedra	São Boaventura
Jacome de Santa Ovaia	1699.12.07	Padrão	Santa Rosa de Viterbo
	1699.12.10	Padrão	Santa Rosa de Viterbo
	1699.02.19	Padrão	São Boaventura
	1699.03.06	Padrão	São Boaventura
João Aparício	1699.02.19	Padrão	São Boaventura
	1699.03.06	Padrão	São Boaventura
João da Igreja	1699.04.10	Porto Novo	Santo António
João da Rua (mestre)	1699.09.17	Padrão	Santo António e Almas
João de Romy	1699.01.30	Vigo	Espírito Santo
João de Sousa	1699.12.10	Padrão	Santa Rosa de Viterbo
João Dougas (mestre)	1699.04.10	Biscaia	Santa Teresa de Jesus
João Gonçalves Ramalho	1699.09.18	Vigo	Espírito Santo
João Lassen & C.ª	1699.03.11	Padrão	São José
	1699.07.08	Pontevedra	N.º S.º do Rosário
João Peres (mestre)	1699.06.03	Vigo	N.º S.º do Rosário
	1699.06.22	Vigo	Santa Rosa
	1699.11.12	Vigo	Maria Santa Rosa
José Correia (mestre)	1699.06.30	Arosa	São José e Almas
José de Estrada	1699.05.16	Padrão	Pataxo N.º S.º a Digna
José de Larre	1699.03.10	Padrão	São José
José Maria Rosso	1699.03.10	Padrão	São José
	1699.06.02	Pontevedra	São Boaventura
	1699.06.03	Pontevedra	São Boaventura
	1699.10.06	Arosa	São José e Almas
	1699.02.12	São Sebastião de Biscaia	Nossa Senhora e Almas
José Vasques	1699.02.03	Vigo	Nossa Senhora das Neves
Leonardo Francisco	1699.05.26	Padrão	São Boaventura
Lourenço Gonçalves	1699.06.22	Pontevedra	N.º S.º da Conceição
	1699.06.23	Corunha	N.º S.º do Rosário
Lucas Fernandes (mestre)	1699.10.13	Vigo	Santo António de Pádua
Luis Ferreira da Rocha	1699.04.16	Biscaia	Santa Teresa de Jesus
Manuel Alvares de Aveiro	1699.03.09	Padrão	Nossa Senhora do Rosário
Manuel de Távora	1699.02.18	Vila Garcia	Santo Cristo de Finisterra
	1699.03.02	Padrão	São Boaventura
	1699.03.06	Padrão	São Boaventura
	1699.05.16	Padrão	Pataxo N.º S.º a Digna
	1699.05.16	Padrão	Jesus Maria José
	1699.06.23	Biscaia	Santo Cristo de Candes N.º S.º do Socorro
	1699.06.23	Padrão	N.º S.º a Digna
	1699.07.14	Pontevedra	N.º S.º do Rosário
	1699.07.17	Padrão	N.º S.º a Digna
	1699.10.05	Arosa	São José e Almas
	1699.10.06	Arosa	São José e Almas
	1699.12.23	Padrão	Santa Rosa
	1699.10.08	Arosa	São José e Almas
Manuel Fernandes	1699.10.23	Padrão	N.º S.º do Rosário
Manuel Gomes (mestre)	1699.07.07	Vigo	Espírito Santo

(continua)

Intercâmbios comerciais entre o norte de Portugal e a Galiza

(conclusão)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Manuel Távora	1699.11.12	Padrão	Santo Cristo de Finisterra e Almas
	1699.11.13	Padrão	Santo Cristo de Finisterra e Almas
Manuel Vieira	1699.07.14	Pontevedra	N.º S.º do Rosário
Miguel Geraldès	1699.06.23	Padrão	N.º S.º a Digna
Pedro Duguer	1699.03.31	Corunha	N.º S.º de Finisterra
	1699.04.01	Corunha	N.º S.º de Finisterra
Pero do Rosal (mestre)	1699.10.09	Vigo	N.º S.º da Covalonga
Pero Gonçalves (mestre)	1699.06.03	Pontevedra	São Boaventura
Sebastião de Sousa (mestre)	1699.09.17	Vigo	Espírito Santo
	1699.06.15	Vigo	Espírito Santo
Sebastião Peres (mestre)	1699.06.12	Vigo	N.º S.º da Conceição
Thomas Phayre	1699.02.14	São Sebastião de Biscaia	Nossa Senhora e Almas
Tomas Maynard	1699.05.16	Padrão	Jesus Maria José
Tomás Rodrigues (mestre)	1699.09.17	Cangas	N.º S.º da Conceição
Vicente Bravo	1699.10.24	Padrão	N.º S.º do Rosário

**Mercadores, destinos e nome das embarcações envolvidas
no comércio Porto-Galiza e Norte de Espanha (1703)**

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
André de Quintela	1703.09.24	Padrão	N.º S.º da Conceição
André Espinho	1703.03.12	Padrão	São José
António da Anaia	1703.03.14	Padrão	São José
	1703.12.11	Padrão	São Francisco e Santa Rosa
António de Carneiro Braga	1703.03.06	Padrão	São Boaventura
António de Espanha	1703.06.22	Biscaia	N.º S.º e o Anjo da Guarda
António de Orelhão	1703.09.24	Padrão	N.º S.º da Conceição
António de Relão	1703.09.14	Biscaia	Pataxo São João Baptista e Almas
	1703.09.18	Biscaia	Pataxo São João Baptista e Almas
António Migueis	1703.08.31	Biscaia	N.º S.º do Rosário
Barnardo Baldas	1703.06.25	Biscaia	N.º S.º e Anjo da Guarda
Bento Faria (mestre)	1703.10.05	Arosa	Santa Rosa
Brás Fontinho (mestre)	1703.10.27	Arosa	N.º S.º do Rosário
	1703.09.01	Biscaia	N.º S.º do Rosário
Casimiro de Leiras	1703.10.09	Padrão	N.º S.º da Conceição e São José
Cipriano Cardoso	1703.01.16	Redondela	Espírito Santo
Cosme de Los Loios	1703.06.22	Vigo	N.º S.º do Rosário
	1703.06.22	Vigo	N.º S.º do Rosário
Diogo da Navia	1703.03.14	Biscaia	Santo Cristo de Finisterra
	1703.03.26	Biscaia	Santo Cristo de Finisterra
Diogo de Palácio	1703.12.10	Padrão	São Francisco e Santa Rosa
	1703.03.12	Padrão	São José
	1703.10.11	Vigo	Santa Rosa
Domingos da Costa	1703.06.22	Vigo	N.º S.º do Rosário
	1703.06.22	Biscaia	N.º S.º e o Anjo da Guarda
Domingos de Crasto (mestre)	1703.11.26	Vigo	Santo Cristo de Finisterra e Almas
	1703.11.27	Vigo	N.º S.º da Conceição e Almas
Domingos José Freire	1703.03.12	Padrão	São José
Fernando Lopes	1703.04.26	Vigo	Santo António de Pádua
	1703.04.30	Biscaia	N.º S.º da Conceição e Almas
	1703.10.20	Biscaia	Caravela N.º S.º do Carmo
	1703.11.07	Biscaia	Caravela N.º S.º do Carmo
	1703.12.11	Padrão	São Francisco e Santa Rosa
	1703.01.16	Redondela	Jesus Maria José
Francisco da Barca (mestre)	1703.05.02	Pontevedra	N.º S.º do Rosário e Almas
Francisco de Távora	1703.03.29	Pontevedra	N.º S.º do Rosário
	1703.03.29	Pontevedra	N.º S.º do Rosário
Francisco Fernandes (mestre)	1703.05.02	Biscaia	Patacho N.º S.º de Vila Celem
Francisco Fernandes Longo (mestre)	1703.09.13	Vigo	Jesus Maria José
	1703.11.24	Vigo	Jesus Maria José
Francisco Fernandes Videirinha (mestre)	1703.10.23	Vigo	Santo António e Almas
Francisco Migueis (mestre)	1703.12.24	Vigo	N.º S.º da Covalonga
Francisco Peres (mestre)	1703.01.16	Redondela	Jesus Maria José
	1703.10.27	Vigo	Jesus Maria José
	1703.12.22	Vigo	Jesus Maria José
Francisco Redondo	1703.03.29	Pontevedra	N.º S.º do Rosário
Gabriel da Batalha	1703.08.11	Biscaia	Santo António e Almas
Gaspar de Colonga	1703.07.05	Pontevedra	Santiago

(continua)

Intercâmbios comerciais entre o norte de Portugal e a Galiza

(continuação)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES	
Gregório Fernandes	1703.05.02	Vigo	N.º S.º do Rosário	
	1703.06.04	Padrão	Santa Rosa	
Gregório Martins	1703.10.31	Arosa	Jesus Maria José	
Guilherme Brokim	1703.08.01	Viana	N.º S.º da Conceição	
Inácio Paródio	1703.04.03	Vigo	Santiago e Santa Rosa	
Jacinto Gregório	1703.04.03	Vigo	Santiago e Santa Rosa	
	1703.05.05	Vigo	N.º S.º da Covalonga	
Jacome Paródia	1703.08.20	Biscaia	Santo António	
	1703.06.04	Padrão	Santa Rosa	
Jerónimo da Silva Guimarães	1703.10.05	Biscaia	Santo António e Almas	
João da Abadia	1703.04.17	Biscaia	São Francisco N.º S.º da Conceição	
João da Rua (mestre)	1703.10.13	Vigo	Santo António e Almas	
João de Mel	1703.06.20	Vigo	N.º S.º do Rosário	
	1703.07.05	Pontevedra	Santiago	
João Grácia	1703.06.30	Biscaia	Santo Cristo de Candas	
João Peres (mestre)	1703.04.30	Vigo	N.º S.º do Rosário	
	1703.05.02	Vigo	N.º S.º do Rosário	
	1703.06.20	Vigo	N.º S.º do Rosário	
José Correia	1703.03.12	Padrão	São José	
	1703.10.24	Arosa	São José e Almas	
José de Larre	1703.12.11	Padrão	São Francisco e Santa Rosa	
José de Pires (mestre)	1703.06.28	Biscaia	Santo Cristo de Cangas	
José Martins	1703.04.02	Pontevedra	N.º S.º do Rosário	
	1703.04.02	Pontevedra	N.º S.º do Rosário	
José Nicola (mestre)	1703.08.11	Biscaia	Santo António e Almas	
	1703.08.13	Biscaia	Santo António e Almas	
Julião de Nogueira (mestre)	1703.10.13	Vigo	N.º S.º da Candelária	
Leonardo Francisco dos Santos	1703.05.25	Biscaia	N.º S.º a Digna e Santo António	
Lucas Fernandes (mestre)	1703.05.02	Vigo	Santo António de Pádua	
	1703.12.22	Vigo	Santo António de Pádua	
Manuel Alves (mestre)	1703.10.09	Vigo	Santa Rosa	
Manuel da Silva	1703.08.20	Biscaia	Santo António	
Manuel da Silva Nunes	1703.06.20	Vigo	N.º S.º do Rosário	
Manuel de Castro	1703.01.16	Redondela	Espírito Santo	
Manuel de Távora	1703.03.29	Pontevedra	N.º S.º do Rosário	
	1703.06.01	Padrão	Santa Rosa	
	1703.06.02	Padrão	Santa Rosa	
	1703.07.13	Padrão	Jesus Maria José	
	1703.07.13	Padrão	Jesus Maria José	
	1703.07.13	Padrão	São José e Almas	
	1703.10.08	Padrão	N.º S.º da Conceição e São José	
	1703.10.11	Vigo	Santa Rosa	
	1703.03.12	Padrão	São José	
	1703.10.09	Padrão	N.º S.º da Conceição e São José	
	Manuel Luís	1703.10.29	Arosa	Jesus Maria José
	Manuel Rico (mestre)	1703.08.23	Biscaia	Patacho N.º S.º a Digna
		1703.08.25	Arosa	N.º S.º da Cortegada
Marcos Praceiro	1703.05.05	Vigo	N.º S.º da Covalonga	
Miguel Alves de Araújo	1703.10.08	Padrão	N.º S.º da Conceição e São José	

(continua)

(conclusão)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Miguel de Novelhe (mestre)	1703.05.21	Vigo	São Francisco e Santa Rosa
Nicolau do Rio (mestre)	1703.06.22	Biscaia	N.º S.º e o Anjo da Guarda
	1703.06.23	Biscaia	N.º S.º e Anjo da Guarda
	1703.06.26	Biscaia	N.º S.º e Anjo da Guarda
	1703.08.17	Padrão	Santa Rosa
Padre João Gomes Teixeira	1703.08.17	Padrão	Santa Rosa
Pedro Fernandes Videirinha	1703.04.03	Vigo	Santiago e Santa Rosa
Pedro Romero (mestre)	1703.09.03	Noia	N.º S.º da Quebra
	1703.10.15	Muros	N.º S.º da Quebra
Pedro Telho	1703.07.05	Pontevedra	Santiago
Pero Domingues (mestre)	1703.10.27	Arosa	São José e Almas
	1703.09.04	Arosa	São José e Almas
Pero Romero (mestre)	1703.09.04	Noia	N.º S.º da Quebra
Rodrigues da Silva	1703.06.04	Padrão	Santa Rosa
Sebastião Viçoso (mestre)	1703.03.08	Vigo	N.º S.º da Conceição e Almas
Silvestre Brunhal (mestre)	1703.04.12	Biscaia	São Francisco N.º S.º da Conceição
Tomás Soares	1703.04.30	Biscaia	N.º S.º da Conceição e Almas
Tomas Soares Vilhane	1703.04.12	Biscaia	São Francisco N.º S.º da Conceição
	1703.04.12	Biscaia	São Francisco N.º S.º da Conceição
Tomé de Garcia (mestre)	1703.08.23	Biscaia	São Pedro e Santo António
Vicente Bravo	1703.03.06	Padrão	São Boaventura
	1703.06.30	Arosa	Santa Rosa

Intercâmbios comerciais entre o norte de Portugal e a Galiza

Mercadores, destinos e nome das embarcações envolvidas
no comércio Porto-Galiza e Norte de Espanha (1713)

MERCADORES	DATAS	DESTINOS	EMBARCAÇÕES
Alberto Robiães (mestre)	1713.10.11	Arosa	São José e Almas
	1713.10.20	Arosa	São José e Almas
Ambrósio de Neiva (mestre)	1713.06.01	Muros	N.º S.º da Barca e Almas
André Gracia (mestre)	1713.10.24	Vila da Póvoa	Santo Cristo da Boaviagem e N.º S.º a Antiga
António de Lima	1713.07.11	Vigo	Grifon
Bartolomeu Fernandes (mestre)	1713.09.04	Biscaia	N.º S.º e São Romão
Bento Gomes e Domingos de Oliveira	1713.10.24	Padrão	São José e Almas
Carlos Chigis	1713.11.20	Vigo	Pataxo Solmar
Domingos António do Outeiro			
Nicolau de Fober & C.º	1713.09.30	Vigo	São José
Domingos de Paiva	1713.10.05	Arosa	Santa Rosa de Viterbo
Domingos Rodrigues (mestre)	1713.08.01	Astúrias	N.º S.º da Leha
	1713.09.30	Vigo	São José
	1713.10.03	Vigo	São José
Domingos Saldanha	1713.05.19	Biscaia	Pataxo N.º S.º da Soledade e São José
	1713.05.19	Biscaia	Pataxo N.º S.º da Soledade e São José
Domingos Saldanha Marinho	1713.03.23	Baiona	Pataxo Almas do Purgatório
	1713.04.21	Pontevedra	Pataxo N.º S.º do Socorro e Almas
	1713.04.21	Pontevedra	Pataxo Espírito Santo e Almas
	1713.04.21	Pontevedra	Santo António e Almas
	1713.05.19	Biscaia	Pataxo N.º S.º da Soledade e São José
	1713.05.23	Vigo	Pataxo Almas do Purgatório
	1713.05.26	Vigo	Pataxo Almas do Purgatório
	1713.06.12	Vigo	Navio Grifon
	1713.06.20	Vigo	Navio Grifon
	1713.06.22	Biscaia	N.º S.º da Atalaia e São José
	1713.08.23	Vigo	N.º S.º da Conceição e Almas
	1713.08.23	Biscaia	N.º S.º de Contresses
	1713.08.26	Vigo	N.º S.º da Conceição e Almas
	1713.08.29	Biscaia	N.º S.º de Contresses
	1713.10.20	Padrão	São José e Almas
	1713.06.22	Corunha	N.º S.º da Atalaia e São José
	Francisco Alves	1713.11.20	Vigo
Francisco António	1713.11.20	Biscaia	São José e Almas
Francisco Migueis (mestre)	1713.11.20	Vila da Póvoa	São Miguel e Almas
João António	1713.03.17	Pontevedra	Santo António
	1713.03.17	Pontevedra	Santo António
João Baptista Magalhães (mestre)	1713.06.09	Vigo	Navio Grifon
João da Graça (mestre)	1713.07.24	Astúrias	N.º S.º e São José
	1713.07.24	Astúrias	N.º S.º Antiga e N.º S.º da Boa Viagem
João de Passos (Dom)	1713.08.23	Vigo	N.º S.º da Conceição e Almas
João dos Santos (mestre)	1713.07.11	Vigo	Grifon
João Martins e companheiros (mestre)	1713.06.22	Biscaia	Santo Cristo do Caminho e N.º S.º da Guia
	1713.06.22	Biscaia	Santo Cristo de Candás e N.º S.º de Contresses
José de Lores (mestre)	1713.10.09	Grove	São José e Almas
José Valentim (mestre)	1713.10.06	Arosa	N.º S.º da Pastoriça
Sebastião Ledo	1713.11.20	Biscaia	São José e Almas
	1713.11.20	Biscaia	São José e Almas
	1713.12.22	La Guardia	N.º S.º da Pastoriça
	1713.12.22	La Guardia	N.º S.º da Pastoriça
Vicente Garcia (mestre)	1713.06.01	Muros	Santo Cristo de Candares

